

Prazer em conhecer

COMUNIDADES DO POLO

RIO AMORIM

Reserva Extrativista Tapajós / Arapiuns - RESEX

COMUNIDADE VILA DO AMORIM

COMUNIDADE CABECEIRA DO AMORIM

COMUNIDADE DE ENSEADA DO AMORIM

COMUNIDADE LIMÃOTUBA

COMUNIDADE PAJURÁ

COMUNIDADE CABECEIRA DO UQUENA

Realização:



Apoio:



Konrad
Adenauer
Stiftung



FORDFOUNDATION

Na linha de Frente das Mudanças Sociais

PRA COMEÇO DE CONVERSA	3
OS AUTORES	4
PASSO A PASSO	5
MAPA DA RESEX-TAPAJÓS/ARAPIUNS	6
A RESEX - TAPAJÓS/ARAPIUNS	8
COMUNIDADE VILA DO AMORIM	9
MAPA DA VILA DO AMORIM	10
COMUNIDADE CABECEIRA DO AMORIM	18
MAPA DE CABECEIRA DO AMORIM	19
COMUNIDADE DE ENSEADA DO AMORIM	25
MAPA DE ENSEADA DO AMORIM	26
COMUNIDADE LIMÃO TUBA	32
MAPA DE LIMÃO TUBA	33
COMUNIDADE PAJURÁ	36
MAPA DE PAJURÁ	37
COMUNIDADE CABECEIRA DO UQUENA	41
MAPA DE CABECEIRA DO UQUENA	42
GLOSSÁRIO	50
FICHA TÉCNICA	51

Prazer em Conhecer

COMUNIDADES DO POLO RIO AMORIM

CEAPS - PROJETO SAÚDE E ALEGRIA

Centro de Estudos Avançados em Promoção Social e Ambiental
Av. Mendonça Furtado, 3979 • Fone 55-93-3067 8000
Santarém, Pará • CEP 68040-050
www.saudeealegria.org.br • www.redemocoronga.org.br
psa@saudeealegria.org

Santarém - Pará - Brasil / 2014



Pra começo de conversa

Respaldar as Unidades Territoriais ocupadas por comunidades tradicionais é um dos principais objetivos das atividades do Projeto Saúde e Alegria na região amazônica. Entendendo o território como espaço marcado, não apenas pelas dimensões geográficas, mas também pelas relações humanas, econômicas e culturais. O reconhecimento e a apropriação popular dos territórios em que se vive é um dos passos fundamentais para o exercício da cidadania.

Geralmente, há pouca informação em linguagem simples disponível para uso público, sobre a realidade das comunidades que vivem em Unidades de Conservação, assentamentos, florestas. O conhecimento que está na “memória popular” das comunidades que habitam esses territórios precisa ser valorizado e sistematizado para ajudar na compreensão das formas de viver a vida na floresta, com seus atrativos, potenciais e desafios.

Por isso, no intuito de obter uma visão do conjunto da realidade territorial local, o Projeto Saúde e Alegria, em parceria com a Fundação Konrad Adenauer e demais parceiros realizam um trabalho de documentação e divulgação denominado **“PRAZER EM CONHECER”**.

Trata-se de uma coleção de cartilhas que retratam as comunidades da maior Unidade de Conservação de uso sustentável do município de Santarém: a Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns - RESEX. A proposta é a ampliação do conhecimento sobre a floresta e seus moradores, contribuindo para o exercício da cidadania e o aprimoramento da capacidade de gestão das populações tradicionais sobre seus recursos, estimulando o seu desenvolvimento de forma sustentável.

Esta cartilha mostra a região do Rio Amorim, um afluente da margem esquerda do rio Tapajós, compondo a coleção (Almanaque). Trata-se de uma região tradicionalmente ocupada por populações de descendência indígena, que ao longo do tempo se misturaram com migrantes e colonos de diferentes origens e hoje vivem em comunidades, as quais em boa parte se formaram a partir das antigas vilas de missões religiosas e aldeias indígenas. Esta publicação elaborada a partir de informações coletadas em processos de mapeamento socioambiental participativo é um retrato atual da realidade contada pelos próprios moradores da região.



Os autores

A autoria deste trabalho deve ser atribuída, principalmente, aos comunitários, que reunidos se dedicaram com esmero a contar a sua própria história, uma cartografia da memória desses povos, uma vez que informações sobre as comunidades são escassas, e por isso torna-se fundamental a documentação destes relatos.

Sendo assim, este trabalho contou com a participação de um povo dotado de riqueza cultural peculiar, em que homens, mulheres, crianças, jovens e adultos foram convidados a colaborar, respeitando o preceito de que todos são professores e alunos ao mesmo tempo.

Esta publicação é resultado de uma fotografia da comunidade feita em novembro de 2014, realizada com metodologia própria, criada a partir dos encontros e visitas às comunidades, somadas à experiência do mapeamento cartográfico participativo socioambiental. Estiveram presentes no levantamento os comunitários que estão na lista de presença ao final apresentada, com o objetivo de levantar informações para construir coletivamente a cartilha “Prazer em Conhecer”.

“Antigamente, quando não havia escola, todos ensinavam, aprendiam, trabalhavam e se amavam, enfim, uma comunidade de aprendizagem livre, honesta, ética e, acima de tudo, cidadã.”

Essa maneira coletiva de produção documental foi escolhida para garantir a sistematização de conhecimentos que se embasam na oralidade e valorizam as riquezas do patrimônio material, cultural e do imaginário dos povos tradicionais da floresta, com vistas à sua disseminação junto às escolas, movimentos sociais e ambientais e para quem, de modo geral, se preocupa com esse povo.

Os dados gerais e socioeconômicos foram inseridos para enriquecer o conhecimento e fornecer indicadores quantitativos para futuros diagnósticos. Este é, portanto, mais um instrumento para mostrar que “debaixo da floresta da gente tem gente”, e gente que luta pela floresta em pé.

“O mundo não é, o mundo está sendo”.

(Paulo Freire)

Passo a passo

O processo de mapeamento participativo ao mesmo tempo utiliza a “memória” da comunidade como principal matéria prima, como também associa técnicas de cartografia para que o conhecimento dos comunitários sobre seu território possa se tornar também um conhecimento sistematizado. Muitas vezes, os mapas cartográficos participativos oferecem uma contraposição à visão oficial de muitas organizações sobre determinado território. Ao trabalharmos baseados no conhecimento que as populações têm de suas comunidades, corremos um risco menor de cometer equívocos de observação e diagnósticos da realidade local.

Nas visitas da nossa equipe à comunidade, complementamos, revisamos e validamos os mapas e as informações. Para essa abordagem, utilizamos o método ANDRAGÓGICO, que valoriza as experiências e os conhecimentos anteriores sobre os temas tratados, realiza análise conjunta dos conteúdos, verificando qual a representação que o grupo tem do cotidiano, propiciando à oportunidade de se falar a “mesma língua”, para assim, chegar a se construir um novo conhecimento. Trata-se de um processo feito a partir da troca de experiências, com a contribuição de diversos atores do ELENCO SOCIAL envolvido, e da interação entre eles. Podemos comparar o caminho percorrido a uma lâmpada, inicialmente apagada, e que é acesa pela energia dos participantes.

Visando esse processo de sistematização e produção de conhecimento, foram realizadas oficinas, divididas em três momentos, descritos abaixo:



SÍNCRESE-A “Ideia”, no início da oficina. Cada participante tem sua ideia sobre o que acontecerá e sobre o assunto a ser discutido: uma lâmpada.

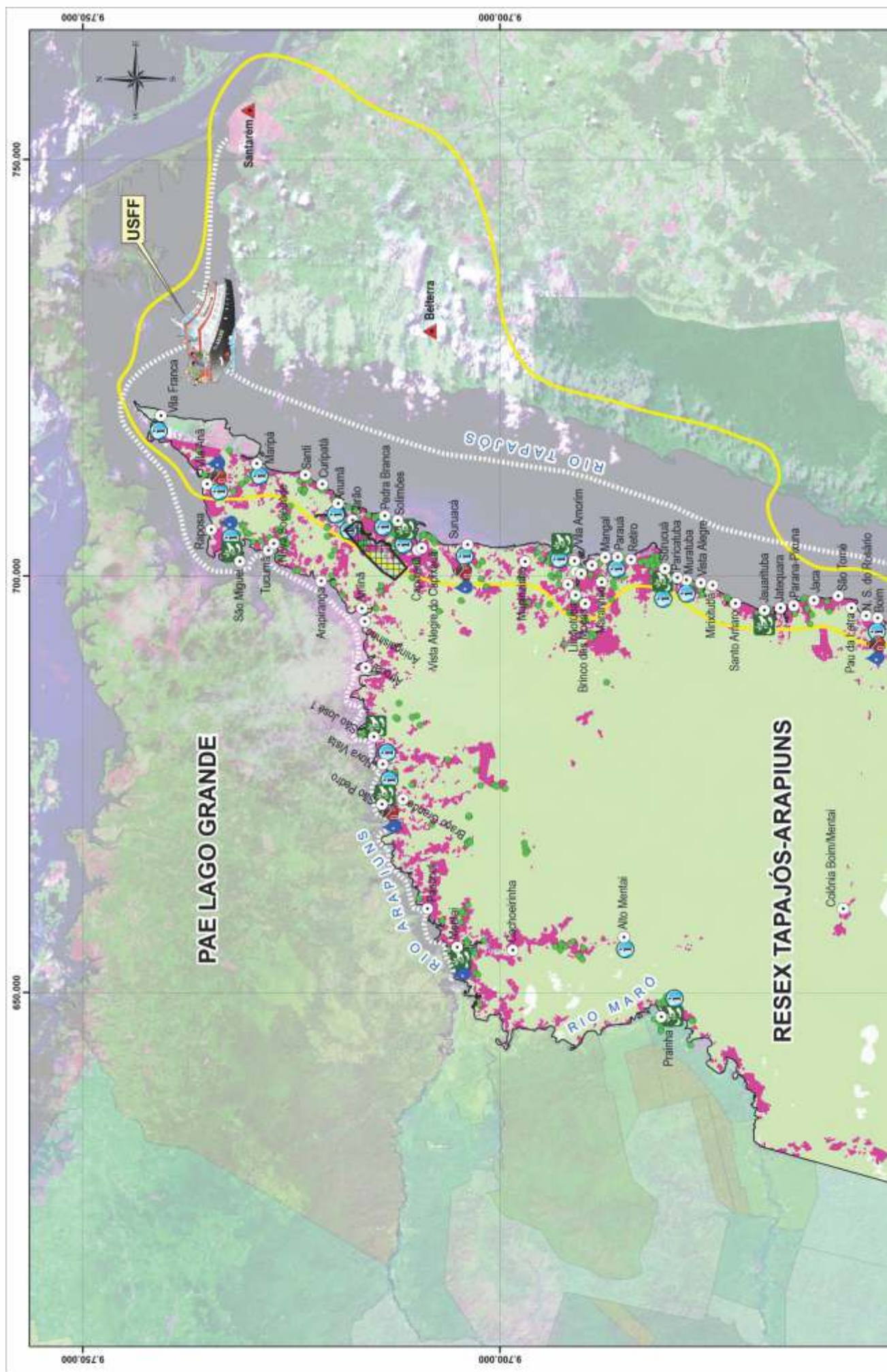


ANÁLISE- “Trocando em Miúdos”. Durante a oficina todo o grupo participa de discussões e contribui com suas experiências e conhecimentos, para que a ideia inicial seja analisada: a lâmpada desmontada.



SÍNTESE - A troca de experiência permite a construção do novo conceito tornando a ideia inicial mais clara: a “Lâmpada É Remontada”. Nesse momento aparece acesa pela energia criativa e participante do grupo.

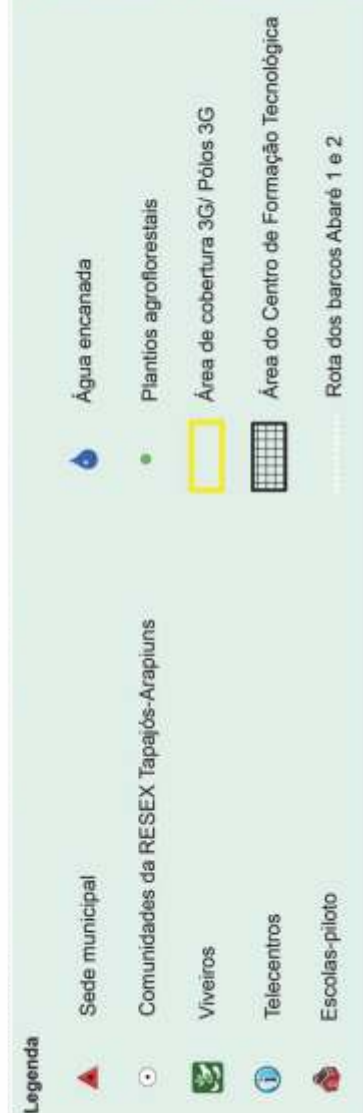
RESEX-Tapajós/Arapiuns





Legenda - Classificação da RESEX Tapajós-Arapiuns

	ÁREA (ha)	%
Floresta	600.577	90,62
Desflorestamento	47.703	7,20
Nuvem	13.387	2,02
Não floresta	841	0,13
Resíduo	251	0,04
	662.739	100,00



A RESEX-Tapajós/Arapiuns

As comunidades no entorno do lago Capixuã formam um dos pólos da RESEX Tapajós-Arapiuns, esta que é uma unidade de conservação de uso sustentável, situada entre a margem esquerda do rio Tapajós e a margem direita do Rio Arapiuns, numa área total de 647.610,74 hectares. A Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns abrange 74 comunidades localizadas nos municípios de Santarém e Aveiro.

Criada em 1998, a Resex foi resultado de anos de luta da população da região contra madeireiros que exploravam de forma inconseqüente os abundantes recursos florestais dessas localidades. A partir daí, os moradores das regiões do rio Arapiuns e rio Tapajós se unificaram com objetivo de impedir o avanço das empresas madeireiras.

Surgiu então o Grupo de Trabalho da Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns (GT Resex) composto por ONG's, Associações Comunitárias e entidades de base. Em novembro de 1997, uma grande assembleia na Comunidade de Tucumatu-ba resultou em um abaixo-assinado organizado pelos moradores, no qual solicitaram ao Ibama a criação da Reserva Extrativista.

Em seguida foi criada a Organização das Associações dos Moradores da Reserva, denominada associação TAPAJOARA, que reúne todas as organizações e associações da Reserva e representa legalmente, perante a sociedade e o governo, os interesses dos mais de 18 mil moradores da Resex.

Hoje a reserva é uma unidade de conservação utilizada pelos moradores para o extrativismo vegetal, agricultura familiar e criação de animais de pequeno porte, de maneira sustentável financeira e ambientalmente.

A Resex é gerida por um Conselho Deliberativo constituído por representantes de órgãos públicos, organizações da sociedade civil e comunidades tradicionais residentes na área. Seus principais objetivos são proteger os meios de vida e a cultura dessa população, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade, visando uma melhor relação entre o homem e natureza.



Comunidade Vila do Amorim

Localização

A Vila do Amorim é localizada na foz do rio Amorim, que é um pequeno afluente do rio Tapajós, às suas margens estão também às comunidades Brinco das Moças, Limãotuba, Pajurá, Cabeceira e Enseada. A Vila Amorim fica localizada entre as comunidades de Uquena (abaixo) e Enseada do Amorim (acima) (coordenadas S 02°47'46.9" "e W 055° 11' 09.4"). A principal forma para se chegar à comunidade é via fluvial através de barcos de linha que percorrem a região.

Comunidade Vila de Amorim



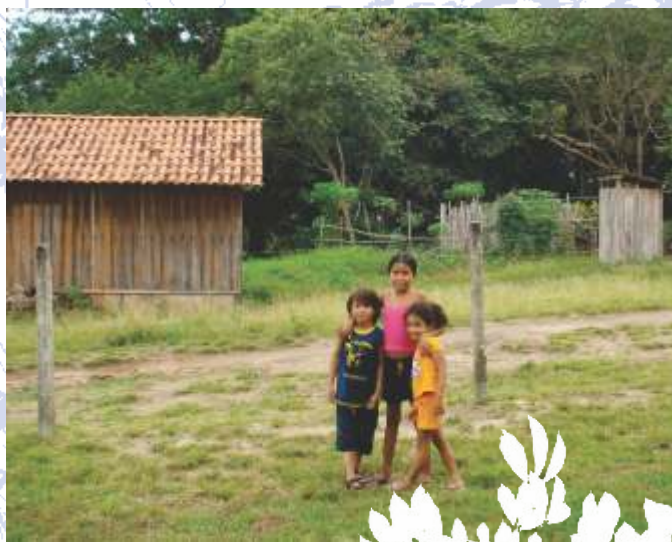


Um pouco de nossa história

Como surgiu o Amorim

Antigamente, as pessoas que começaram a povoar este lugar diziam que havia pouquíssimas pessoas morando ali, porque elas se encontravam todas espalhadas pelo território. Somente um homem chamado Domingo Pereira Lopes e sua família moravam do outro lado oposto do rio.

Naquele tempo eles eram muito cuidadosos com os filhos, não gostavam que fossem sozinhos a beira do rio. Tudo por causa de uma lenda muito conhecida na comunidade e que mais tarde veio a inspirar o nome do local, Amorim. Os moradores com mais idade contam que a primeira filha de Dona Dejanira, quando criança, gostava de olhar sempre para a beira do rio, de cima do alto morro. Quando os pais saíam para trabalhar, a menina ficava sempre sozinha. Quando foi um dia, ela estava a olhar em direção ao rio e observou uma grande onda que se aproximou e jogou muitos peixes em terra, então rapidamente, ela desceu e foi buscá-los, levando com ela um paneiro. Juntou os peixes os levou para sua casa e assim, tornou-se uma rotina diária. Os pais perguntavam onde a menina arranjava tantos peixes para fazer a comida do dia a dia e ela contava que eram as grandes ondas que jogavam na beira do rio.



A garota entrou na fase da adolescência, e os pais sempre orientando que a mulher após ter menstruado não podia ir ao porto, por causa de bichos que causam medo e espanto. A partir de então, ela não podia sair de casa.

Certa manhã, os pais saíram cedo para o trabalho. Era dia de São Tomé. Levaram com eles tarubá e tomaram na roça. Depois de umas horas retornaram para casa, descansaram e foram comer e beber o restante da deliciosa bebida. Animados, inventaram no meio da noite uma dança no terreiro de sua casa, e no momento que estavam dançando chegou um homem estranho, se aproximou deles e disse querer participar da festa. Eles aceitaram pensando se tratar de uma pessoa do bem e continuaram a dança. O homem, então, foi dançar com a filha já moça do casal.

Certa hora a família e outros amigos queriam encerrar a festa porque estavam cansados, mas o homem insistia em dar continuidade. Quando se deram conta, estavam todos grudados uns nos outros sem poder se movimentar, e começaram a gritar desesperados e ninguém para ajudar. Ele deu três voltas dançando, e na quarta vez levou a família inteira grudada nele.

Essa história, portanto, deixou a marca na beira do lago onde até hoje os curiosos vão olhar o fóssil nas pedras, onde ficou a marca dos pés das pessoas e dos animais levados pelo homem. Isso se tornou uma lenda bem conhecida entre a maioria das pessoas do lugar, e por isso que o nome é de AMORIM, pois esse era o nome deste homem que levou a família grudada nele para o fundo do rio.



A vida como ela é

POPULAÇÃO

A população da comunidade Vila do Amorim encontra-se assim distribuída: 151 homens, 109 mulheres, 156 crianças de 0-11 anos e 104 jovens de 12-18 anos, totalizando 520 pessoas, distribuídas em 125 famílias. Destes, 272 são homens e 248 mulheres.

Na comunidade existem 112 casas que são de alvenaria (construídas com o apoio do INCRA), de madeira, de palha, mista (alvenaria e madeira) e de barro.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A comunidade de Vila do Amorim é representada por duas instituições: A ACDESAAM – Associação Comunitária de Desenvolvimento Social, Econômico e Agrícola de Amorim, e pela Tapajoara – Associação das Organizações da Resex Tapajós/Arapiuns. Das 125 famílias da comunidade, 115 são filiadas à Tapajoara.

A Associação Comunitária foi fundada em 2001, para o apoio social e político aos comunitários de Vila Amorim. Tem a participação de 130 associados e como presidente atual a Senhora Lenilda Farias Almeida.

O Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém (STTR) tem sua representação dentro da comunidade através da delegacia sindical, desde o ano de 1974. Possui 53 associados e atualmente a delegada sindical é a senhora Rafaela Oliveira, a diretora regional é a senhora Luzenira Carvalho Vasconcelos.

A Pastoral da Criança é outra entidade organizada na comunidade. Funciona desde 1998 e tem como coordenadora a senhora Aldenora Batista Amorim.

O Clube de Jovens - Jovens Unidos em Cristo (JUC) é um grupo que existe desde o ano de 2000, tem a participação de 30 jovens e é coordenado por Regina Batista Melo.

A Colônia de Pescadores Z-20 possui uma média de 10 sócios, como não existe capatazia na comunidade, todos os participantes da Z-20 são associados na que fica localizada na comunidade Parauá.

A Igreja Católica e as evangélicas: Assembleia de Deus e Igreja da Paz também têm um papel importante na organização da sociedade em Vila Amorim. A Assembléia de Deus está presente desde 2000 e tem o senhor Martinho Batista Lopes como representante.

Segundo os comunitários, a Igreja Católica existe desde o ano de 1800. Sua fundação data da vinda e das ações de missões jesuíticas realizadas na região no século XIX. Hoje conta com a participação de grande parte das famílias da vila. Os catequistas são Izabel Maria Rodrigues Serique (coordenadora), Luzenira Carvalho Vasconcelos (vice coordenadora), Zenilda de Carvalho Lopes, Lucivaldo Vieira Farias e Leuziane Batista do Carmo.



No esporte há uma variedade de times na comunidade, totalizando 8 times, sendo 4 masculinos e 4 femininos:

- **Barcelona**, de 2004, presidente Manoel Olavo de Cruz e Sousa- o time feminino é do ano de 2008;
- **São José**, de 1985, presidente Erivan Santos Lopes- o time feminino data do ano de 2006;
- **Internacional**, de 1977, presidente Lenilda Farias Almeida – o time feminino data do ano de 2000;
- **Central**, de 2010, presidente Francisco Oliveira Paz – o time feminino do mesmo ano.

Outras lideranças da comunidade são:

- Fernando Pedroso – presidente da comunidade e responsável pelo viveiro
- Mara Cassiana Rodrigues Serique – diretora da escola José de Melo Filho

ECONOMIA E ATIVIDADES PRODUTIVAS

Segundos os mais antigos moradores, tempos atrás não havia muita circulação de dinheiro na comunidade para se fazer compras. No entanto, quando se comprava algo era em grande quantidade, dava para comprar produtos demais e ainda sobrava dinheiro, dizem eles.

Atualmente, a principal atividade econômica é trabalhar na roça de mandioca e fazer farinha. Grande parte da renda dos comunitários é de funcionários públicos, aposentados e beneficiados por programas sociais como o Bolsa Família.

O principal cultivo, portanto, é a mandioca por ser base alimentar e importante fonte de renda. A farinha é vendida normalmente para os atravessadores em Santarém. Outras atividades como a pesca e a pecuária, são desenvolvidas em segundo plano.

Outros cultivos também são produzidos como o milho, feijão, arroz, melancia, macaxeira, cará, jerimum, maxixe, muruci, cacau, banana, tomate, pimenta do reino, hortaliças e o maracujá. As principais culturas permanentes são o cupuaçu, abacate, laranja e pupunha.

A pesca é realizada por um número significativo de famílias, sendo o pescado um dos produtos de grande importância para a economia local. Tradicionalmente, os peixes têm papel importante para a alimentação comunitária, sendo uma das principais fontes de proteína. A prática de pesca é facilitada pela presença de 70 canoas próprias, que contribuem para uma maior mobilidade dos comunitários nos rios entre uma e outra ilha.



A caça também é base alimentar dos comunitários. Em Vila do Amorim, as aves silvestres e outras espécies de animais como: veado, cutia, paca, tatu e macaco são os principais capturados. Porém, devido à demanda, já são escassos na comunidade.

Há também criação de pequenos animais como galinha cai-pira, criada solta no quintal de grande parte dos moradores. A criação de porcos é realizada por cinco famílias que possuem uma média de 250 cabeças. Existem vários animais criados soltos, e outra parte, mesmo presos, em certos horários do dia são soltos para beber água do rio. Também há gado bovino, uma média de 100 animais. Existem algumas cabeças de gado que mesmo sendo criada em outras comunidades, pertencem à comunidade de Vila do Amorim.

EXTRATIVISMO

A prática de extrair madeira é realizada apenas para as demandas familiares. As principais espécies extraídas da floresta são a Itaúba, Jarana, Ipê, Maripá e Morototó. Não existe plano de manejo voltado à exploração madeireira. O artesanato faz parte da vida de muitas famílias, sendo que três delas se destacam nesta prática.

Em tempos atrás, o principal produto comercial era a borracha, considerada pelos agricultores como a “bolsa das famílias da Vila do Amorim”. Mas por vários fatores a atividade foi sendo esquecida.

Os produtos extraídos pelos comunitários de Vila do Amorim são: açaí, bacaba, uxi, piquiá, tucumã, castanha e mel que também contribuem na dieta alimentar dos moradores. Coletam também copaíba, andiroba, patoá, e cumaru. As talas, pallhas e cipós são também extraídos para a produção artesanal de cestos, titipitis, abanos e chapéus, principalmente para uso nos trabalhos.



Comercialização

A produção é em grande parte vendida para os atravessadores em Santarém. Sendo que cada família é livre para negociar os melhores preços no mercado local e externo.

Na região existe uma cooperativa, que tem suas atividades voltadas para a comercialização da borracha, denominada COOPEREX, que foi criada durante o Auge da Borracha (sec. XIX e início do século XX). Porém, hoje se encontra sem muita atuação, já que a produção do látex teve queda e hoje não consiste em uma atividade em pleno vapor na Amazônia.

SAÚDE

Os idosos relatam que antigamente a saúde deles era melhor que hoje, porque não havia quase doentes no local, e na maioria das vezes se morria “de velhice”. Há uns anos atrás eles contam que a comunidade sofreu bastante com uma doença chamada febre paludismo (malária) que infectou várias pessoas. Eles contam que a partir de então começaram os problemas de saúde, pois quando as pessoas pioravam tinham que serem transportadas de caravela para buscar atendimento na cidade Santarém.

O atendimento à saúde na comunidade melhorou consideravelmente. É feita a prevenção pelos ACS's – Agentes Comunitários de Saúde que trabalham de forma permanente na comunidade, visitando as casas, dando palestras na escola sobre as consequências do uso de droga e educação sexual, dentre outros.

Os comunitários ainda não dispõem de um Posto de Saúde fixo, mas contam com o atendimento realizado pela Unidade Fluvial de Saúde da Família – Barco Abaré, que passa na comunidade com uma frequência de 30 a 45, fazendo vacinações, e outros atendimentos médicos e odontológicos. No entanto, os profissionais de saúde algumas vezes, não conseguem atender toda a demanda da comunidade. Antes da presença do Abaré, os pacientes tinham que ir para Santarém madrugando na fila do Hospital Municipal para serem atendidos, algumas vezes nem recebiam atendimento.

Quando necessitam de serviços de enfermagem ou atendimentos médicos básicos, se dirigem até o Posto de Saúde mais próximo localizado na comunidade de Parauá, onde hoje também já existe uma ambulância (ambulância em forma de barco) para casos de emergência. Além disso, o Projeto Saúde e Alegria realiza palestras nas comunidades voltadas ao assunto saúde.

Porém, ainda há muita coisa que precisa melhorar. Muitas vezes faltam remédios para as pessoas atendidas no navio hospital.

Alguns males e doenças podem ser tratados por pessoas que mantêm o saber tradicional, são elas: benzedores, curadores e puxadores (12). Existem três parteiras com papel fundamental na comunidade. Segundo os comunitários 90% das crianças nascem na própria comunidade, os pais confiam nos conhecimentos e habilidades dessas mulheres detentoras desse saber popular.

EDUCAÇÃO

A Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio José de Melo Filho oferece a comunidade o ensino médio e fundamental que funcionam no mesmo prédio. O primeiro é oferecido em sistema de ensino modular em que há rotatividade de professores de acordo com a disciplina a ser ministrada. A cada período funcionam em média três disciplinas no máximo.

A escola é composta por sete salas de aula e um quadro técnico composto por 13 professores do ensino fundamental e sete funcionários de apoio. Sendo que 12 destes professores possuem o ensino superior completo. Destes, 8 professores residem na própria comunidade, já os professores do ensino médio moram em grande maioria na cidade de Santarém.

A capacitação para os professores é realizada através do PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e pela EDUCIMAT – Formação, Tecnologia e Prestação de Serviços em Educação em Ciências e Matemática. As atividades complementares destinadas aos alunos são realizadas através do programa Mais Educação.

O alunos totalizam 321 matriculados. Sendo que destes, 120 são do ensino médio - sendo 44 alunos do 1º ano, 46 no 2º ano e 30 estão fazendo o 3º ano. Os demais, que totalizam 201 alunos são da educação infantil e o do ensino fundamental.



A escola também possui anexas nas comunidades do Uquena e de Mapiri, com 76 alunos cada um. O educandário funciona em dois turnos: matutino e vespertino. É abastecida de água por um poço próprio. A merenda escolar possui cardápio regionalizado, mas ainda são servidos produtos enlatados, sendo que a qualidade é considerada como boa e tem uma duração entre 20 a 25 dias. Possui ainda, distribuição de livros didáticos para os alunos e professores e é equipada com televisão, notebooks, data show, caixa amplificadora, gravadores, máquina fotográfica, filmadora, dois microscópios, ventiladores e DVD.

A evasão escolar ocorre principalmente pela mudança de famílias para outro local. O transporte escolar público é algo que faz muita falta, de acordo com os moradores. A escola recebe alunos do ensino fundamental que residem nas comunidades de Uquena, Mapiri e Maranhão. Assim como existem alunos que cursam o ensino médio que residem nas comunidades de Pajurá, Cabeceira do Amorim, Enseada do Amorim, Mapiri, Tarumã e Cabeceira do Uquena.

CULTURA E LAZER

Antigamente os comunitários mantinham o costume de trabalhar na roça e consumir tarubá. Sendo esse um dos costumes mantidos por muitos moradores antigos da vila. Na comunidade existia a cultura de se fazer pequenas disputas de danças, os ritmos mais apreciados eram o lundum, mazuda e landum.

Havia outros costumes próprios relacionados à cultura, eles obedeciam rigidamente à regra de que só poderiam ir à festa se fossem convidados, além disso, as pessoas iam dançar descalços. Se uma dama por acaso fizesse desfeita para o mestre sala, ele a mandava embora dormir e ela nem se quer podia voltar. Também só se costumava ir às festas depois dos 18 anos.

Atualmente em Vila do Amorim existem duas festas religiosas. Uma para homenagear Nossa Senhora de Nazaré, padroeira da comunidade, que acontece de 31 de agosto a 8 de setembro, com arraial durante todas as noites e no último dia é realizada a procissão de sacramento do batismo e cerimônia religiosa. A outra homenageada é Nossa Senhora de Aparecida, cuja festa ocorre no dia 12 de outubro tendo como principal programação a procissão, celebração e coquetel para os participantes.

As Festas Juninas tem como atrações as danças folclóricas e as comidas típicas. Existem ainda, as Festas dos Clubes esportivos, sendo de São José Esporte Clube no mês de abril e do Barcelona no mês de maio, contando com torneio esportivo e festa dançante.

Em Vila do Amorim a praça, o campo de futebol, e as praias são áreas de lazer coletivas. Para se divertir as crianças brincam jogando futebol, taco e peteca. As mulheres e os jovens apreciam festas e jogos de futebol, os adultos se divertem dançando e os idosos assistem as competições.

INFRAESTRUTURA

- Barracão Comunitário;
- Áreas de lazer coletivo;
- Escola Municipal José de Melo Filho;
- Igreja Católica;
- Igrejas Evangélicas;
- 4 Campos de Futebol;
- 4 Geradores de luz comunitários - sendo um para atender o microssistema, outro da escola e dois da comunidade;
- Microssistema de água.

ENERGIA

A Vila do Amorim, mesmo sendo um pólo dentre as comunidades ribeirinhas daquela região, não possui energia de qualidade. A alternativa para suprir essa questão é a utilização de gerador de energia coletivo que não cobre toda a comunidade e funciona das 19h00 às 23h00 horas. O pagamento pelo consumo de energia é de 10 litros de óleo por família. Além disso, existem outros 15 geradores de luz individuais. Ao todo, 74 famílias usufruem dos sistemas de energia elétrica existentes na comunidade.

TRATAMENTO SANITÁRIO

Nesta comunidade, assim como nas demais da RESEX, não há coleta de lixo, então o mesmo é queimado ou enterrado. Em relação aos sanitários, a grande maioria são fossas negras com pedra sanitária ou simplesmente cavadas no chão. Não existem sanitários públicos na comunidade.



ÁGUA

Existe na vila um microssistema de abastecimento de água, que tanto no inverno, quanto no verão consegue abastecer grande parte das moradias, totalizando 80 famílias. As demais usam água do rio. Tanto no inverno, quanto no verão com uma caminhada de cinco minutos se chega até a fonte natural.

Quando ocorre algum problema técnico no microssistema, os comunitários recorrem à água do rio, quando não, pedem apoio a escola que possui um microssistema próprio. Existe um local na comunidade que em determinado período do ano fica sem acesso a água, é o Caranatuba.

Cada família paga uma taxa mensal de R\$ 10,00 para ter acesso ao sistema de água encanada. Os comunitários da Vila de Amorim usam, para purificar a água de seu consumo, os tratamentos: uso de hipoclorito de sódio, filtro e coador de pano.

COMUNICAÇÃO

Existe um aparelho de telefone público que fica localizado na praça da comunidade. Segundo os moradores os celulares não têm sinal, o que dificulta a comunicação dos comunitários.

A maioria das casas possui aparelho de televisão, porém alguns somente possuem rádio em suas casas. As rádios mais ouvidas são a Rádio Rural (AM) e as demais rádios FM existente em Santarém cujo sinal alcança a área ribeirinha.

TRANSPORTE

O acesso à comunidade de Vila do Amorim é via fluvial. O trajeto é realizado, principalmente, pelos dois barcos de linha que saem da comunidade para Santarém duas vezes na semana. Existem quatro barcos de linhas que atendem a comunidade. O preço da passagem por cada trecho é R\$ 20,00 no B/M 9 de janeiro e os demais é de R\$ 25,00, sendo as cargas pagas separadamente.

Os mesmos barcos carregam tanto passageiros como suas respectivas produções. A saída dos barcos da comunidade para Santarém ocorre aos domingos e quarta feiras e o retorno são realizados as terças e sextas feiras.

Os barcos que fazem linha para comunidade são:

- B/M Sanmar
- B/M Madeireiro
- B/M Catarina
- B/M 09 de janeiro

ESTRADAS E PONTES

A pequena estrada ou caminho que liga Vila Amorim à comunidade de Uquena e até Suruacá é considerada como péssima no inverno e regular no verão. Esta estrada necessita ser melhorada, pois facilitaria o acesso entre as comunidades.

MEIO AMBIENTE

A maioria dos moradores de Vila do Amorim têm conhecimento do Plano de Utilização da RESEX. No entanto, ainda existem moradores que não são informados sobre tal, portanto, não sabem das ações que podem ou não ser praticadas dentro da unidade ambiental.

Há um acordo específico quanto à pesca, firmado no ano de 2006, mas até o momento não foi legalizado. Para os comunitários, a principal e mais importante preocupação em relação ao meio ambiente é a prática da pesca predatória, considerado por muitos um problema sério. Existe na comunidade quatro lagos, que sofrem alguns impactos ambientais através do desmatamento de sua mata ciliar e da pesca por arrastão e mergulho. De todos, somente o lago do Uquena possui acordo de conhecimento dos pescadores.





Os outros lagos mais próximos da comunidade, onde é praticada a pesca para consumo são: os Lagos do Mato, Veado, Tenente e Uquena. Existe ainda o Igarapé do Maranhão que possui uma quantidade razoável de peixe. Com relação ao rio Tapajós, os comunitários afirmam que a pesca predatória se caracteriza como o principal impacto para este tão importante rio.

SONHOS E DESAFIOS

Os comunitários têm muitos sonhos a serem realizados. Um desses sonhos diz respeito à seringa. Almejam o retorno dos tempos áureos, quando havia uma grande facilidade de comercializar o látex. Sonham ainda em obter condições para produzir e comercializar a farinha.

Além disso, existem perspectivas quanto à produção de açaí, milho e de café, além de melhorarem a produtividade dos outros cultivos. Possuem também muitos sonhos de produzirem e poderem ter uma vida mais digna no campo. As criações, em ordem de preferência, são: galinha, peixe, porco, abelhas, gado e pato.

Os principais desafios a serem vencidos pelos moradores de Vila do Amorim é a falta de acesso à água potável, à melhoria na comunicação, a presença da fiscalização da pesca predatória e melhorias nas estradas ou caminhos que permitam que todos acessem todas as comunidades.

BEBIDA TRADICIONAL

Receita de Mangaratiba da Senhora Zenilda de Carvalho Lopes

Ingredientes:

Um abacaxi ou naná;

Mangarataia;

Açúcar;

Cachaça.

Preparo:

Lava, escova e corta todo o abacaxi, com casca e tudo. Em seguida, deixa de molho por uma semana na água. Após uma semana, amassa bem com a mão ou bate no liquidificador e coa. Rala a mangarataia e mistura no abacaxi batido ou amassado, coa novamente. Adeoce e misture com a cachaça.





Comunidade Cabeceira do Amorim

Localização

Cabeceira do Amorim fica localizada no rio Tapajós, entre as comunidades Vila do Amorim e Enseada do Amorim (coordenadas S 02° 47' 51,8" W 55° 13' 24,0). A principal forma para se chegar à comunidade é via fluvial.





Um pouco de nossa história

A comunidade Cabeceira do Amorim foi fundada no final do século XIX com incentivo do comércio da borracha na Amazônia. No início não era ainda uma comunidade, pois residia somente a família do senhor Manuel Felipe Carvalho. Eles viviam da extração do látex, da pesca, da caça e agricultura. Nesse período não eram ainda comercializados produtos industrializados.

Com o passar dos tempos, essa família se multiplicou e então se formou a comunidade que recebeu o nome de Cabeceira Dom Ancelmo em homenagem a um dos seus fundadores. Alguns anos depois o nome mudou para Cabeceira do Amorim.

No ano de 1992 foi fundada a Escola Luís Antônio Almeida. A partir de então, as construções deixaram de ser de madeira para começaram a serem construídas de alvenaria, como a igreja da padroeira e a sede comunitária.



A vida como ela é

POPULAÇÃO

A comunidade possui cerca de 266 pessoas, distribuídas em 62 famílias. Destas famílias, 28 declaram-se indígenas. A comunidade dispõe de 45 casas, sendo que algumas famílias compartilham a mesma moradia. Os tipos de casas são: de madeiras, mistas (madeira e alvenaria), e de alvenaria em sua maioria financiadas e construídas com o apoio do INCRA.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A principal forma de organização é a Associação Agroextrativista de Cabeceira do Amorim – AGROEXCA. Atualmente com 46 associados, é coordenada pelo senhor Cassiano Lopes da Silva. Além da associação extrativista, a comunidade também se possui um presidente comunitário, o senhor Heráclito Rodrigues do Carmo.

Existe ainda na comunidade um Conselho de Segurança, constituído por 8 pessoas, é coordenado atualmente pela senhora Vanice Carvalho. O objetivo deste conselho é mediar conflitos internos ou encaminhar os casos mais complexos para Santarém.

A organização dos pescadores através da Colônia de Pescadores Z-20 possui 4 membros. Por outro lado, o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém - STTR tem uma boa participação dos comunitários por meio da delegacia sindical, com 43 sócios. A Delegacia foi fundada em 1989 e tem como representante atual a senhora Estevina Melo.

Outras formas de organização também se encontram presentes na comunidade, como um Clube de Jovens – JASP, coordenado por Helder Santos do Carmo, com a participação de 20 jovens. Sua fundação data do ano de 2006. A Pastoral da Criança tem 12 anos de atuação na comunidade, e atualmente é coordenada pela senhora Marinalva V. dos Santos.

A Igreja Católica tem um papel importante na comunidade, pois tem a participação da maioria dos moradores. Hoje é coordenada pelos seguintes catequistas: Arnaldo V. dos Santos, Edilson de Oliveira e Estevina Melo. A Igreja da Paz se faz presente na comunidade com a participação de duas famílias.

Existem quatro times esportivos na comunidade, dois masculinos e dois femininos. Os clubes masculinos são o Tapajós, com oito participantes, fundado em 1996 e tem como presidente o senhor Felix C. Pereira. O clube Estrela também possui oito participantes e é coordenado por Cassiano Lopes da Silva, a fundação data do ano de 2006. Os dois times femininos possuem o mesmo nome Tapajós e Estrela. Sendo que o Tapajós tem quatro participantes e foi fundado 2006. O Estrela foi fundado no mesmo ano e possui seis participantes.

Lideranças da comunidade:

- Adailson Cleiton V. Carvalho – ACS – agente comunitário de saúde;
- Elione de Melo Costa - diretora da escola;
- Jucelli Miranda de Sousa – secretária da escola
- Izabella Celiane Vasconcelos Mota – auxiliar administrativa
- Lindalva de Abreu Feitosa – pedagoga

ATIVIDADES PRODUTIVAS

A agricultura familiar é a principal atividade econômica da Cabeceira de Amorim, os principais produtos cultivados são: a mandioca, para produção de farinha (venda e consumo), o milho, o feijão, a banana, a pimenta do reino, o urucum, o jerimum, o cará e o mamão. Os lavradores também produzem em menor quantidade: cará, cana, melancia, muruci, cupuaçu, abacate, batata e macaxeira. As culturas permanentes mais encontradas são: cupuaçu, muruci, açaí, laranja, caju e manga. Os produtos extrativistas mais importantes são: a castanha do Pará, buriti, uxi, curumbá, uxi lixo, piquiá, bacaba, patoá e taperebá.



A criação de animais é bastante tímida na comunidade. De forma geral, são criadas alinhas nos quintais. Apenas uma família cria suínos, um total de três animais. Já o gado é criado por seis famílias que possuem apenas 14 cabeças de gado no total.

A extração de madeira é realizada apenas para as atividades pessoais dos moradores. As principais espécies extraídas da floresta são a Itaúba, Cedro, Jarana e Marupá. Não existe Plano de Manejo, mas a comunidade espera que seja aprovado um projeto em andamento. Os produtos não madeireiros como castanha do Pará, açaí, uxi, piquiá, andiroba, copaíba, mel de abelha, cipó, palha, cumaru, breu branco, jutaíca, sucuuba, cipó ambé, cipó titica e cipó açú são os mais extraídos da floresta, geralmente para consumo da própria.

O artesanato é praticado apenas por três famílias e utiliza também dos recursos da natureza. Os artesãos da comunidade produzem cestas, tipiti, peneira e paneiro.

EXTRATIVISMO

O extrativismo é uma prática muito importante para várias famílias que vivem na RESEX Tapajós/Arapiuns. A pesca é um dos produtos extrativistas de fundamental importância para a segurança alimentar dos comunitários, assim com a caça, sendo os principais animais capturados: o veado, porco do mato, caititu, anta, paca, tatu, cotia, jacu, inhambu, jabuti, jacamim e mutum.

Outros produtos do extrativismo que também complementam a alimentação das famílias são: açaí, bacaba, castanha, uxi, piquiá, tucumã, patauá, buruti e mel. Além destes, são extraídos produtos para a confecção de artefatos e artesanatos, assim como na confecção de telhas de casas, são eles: a palha e o cipó.

A venda dos produtos é realizada em grande parte pelos atravessadores, fato que ocorre não apenas nesta comunidade, e é considerada uma situação complicada de resolver, pois há falta de estrutura para armazenar, embalar e transportar os produtos, sendo o atravessador a presença forte neste aspecto porque garante a venda dos produtos dos comunitários, mesmo que de maneira financeiramente injusta.

SAÚDE

A comunidade não possui Posto de Saúde, distribuição de remédios, técnico de enfermagem e parteira. No entanto, há um agente comunitário de saúde que atende diariamente os moradores. Tanto a vacinação, quanto o atendimento médico e dentário são realizados pela Unidade Fluvial de Saúde da Família, mas não consegue atender toda a demanda, pois o número de pessoas que necessitam de atendimento é grande. Este atendimento é realizado a cada 45 dias e permanece por pouco tempo.

O Posto de Saúde mais próximo fica na comunidade de Parauá, que dispõe de transporte de emergência. Existe ainda o auxílio de dois benzedores/puxadores que residem na comunidade.

EDUCAÇÃO

Cabeceira do Amorim possui uma Escola Municipal de Ensino Fundamental Luís Antônio Almeida. Com estrutura regular, possui quatro salas de aula, atende 89 alunos residentes na própria comunidade e das comunidades de Pajurá, Sítio Boa Sorte e Cabeceira do Amorim.

Os funcionários da escola são 10 professores e 17 funcionários de apoio. Do total de professores, seis possuem formação superior completa e quatro estão cursando o ensino superior. Os principais planos de capacitação para os professores ocorrem via PAFOR – Plano Nacional de Formação de Professores, através da UFOPA; pelo PINAC – Programa Institucional de Nivelamento Acadêmico; e pelo Programa EDUCIMAT – Formação, Tecnologia e Prestação de Serviços em Educação em Ciências e Matemática. Todos os professores residem nas comunidades da RESEX, sendo que dois moram na própria comunidade e oito na comunidade de Parauá. As atividades complementares destinadas aos alunos são realizadas através do Programa Mais Educação.

A escola funciona em dois turnos: matutino e vespertino. Por não ter o ensino médio na comunidade, seis adolescentes precisam se deslocar para as comunidades de Vila Amorim ou de Parauá. Existem ainda cinco jovens que estudam na Casa Familiar Rural, que fica situada em Santarém, e que tem como didática a Pedagogia da Alternância, dentro de uma formação voltada para a melhoria da produtividade no campo.

A escola é abastecida de água por um poço próprio. A merenda escolar possui cardápio regionalizado, com qualidade considerada boa, com duração entre 20 a 25 dias. Possui distribuição de livros didáticos para os alunos e professores, é equipada com televisão, caixa amplificadora, DVD e micro system.

A evasão escolar ocorre principalmente pela distância entre a moradia e a escola e pela falta de transporte público escolar.

CULTURA

A festividade de Santa Terezinha do Menino Jesus, que ocorre no período de 27 de setembro a 1º de outubro de cada ano, é a principal atividade cultural dessa comunidade, ela acontece com a realização de uma missa, uma procissão, arraial e festas dançantes.





A comemoração inicia com o arraial que dura toda a semana e termina na programação do sábado com a festa, após a derubada do mastro. Há a apresentação dos pretos, que são moradores vestidos como Afrobrasileiros e pintados com uma tinta de cinzas.

As demais festividades culturais são: festa do time de futebol Tapajós que ocorre em maio, festa do time de futebol estrela que ocorre em agosto e a Festa Junina que ocorre no dia 21 de junho. Além disso, a associação comunitária realiza duas vezes ao ano uma festa com o objetivo de arrecadar recursos para a associação.

LAZER

Na comunidade há dois locais utilizados como áreas de lazer coletivas: o campo de futebol e o igarapé. Nestes locais, as crianças brincam e jogam. As mulheres e homens se divertem nas festas, e no futebol e alguns jovens, além destas atividades, também gostam de jogar vôlei. As pessoas na melhor idade aproveitam para realizar caminhadas, conversar com os amigos e participar de danças folclóricas.

INFRAESTRUTURA

- Barracão Comunitário;
- Escola Municipal;
- Igreja Católica – Santa Terezinha do Menino Jesus;
- Campo de Futebol;
- Gerador de luz comunitário;
- Rádio Comunitária;

ENERGIA

A comunidade não possui energia de qualidade, sendo a principal alternativa utilizar os geradores particulares, que funcionam através de oito geradores que abastecem 16 famílias. Existe também uma família que possui sistema de energia solar.



TRATAMENTO SANITÁRIO

Os moradores usam a prática de queimar e enterrar seus lixos, já que não existe na comunidade a coleta de lixo. Por sua vez, os sanitários das casas são todos de fossa negra com pedra sanitária e existe também dois sanitários públicos na comunidade.

ÁGUA

Não existe microsistema de abastecimento de água, havendo apenas poço localizado na escola. A água que abastece a comunidade vem do rio ou do igarapé tanto no inverno, quanto no verão.

Mesmo tendo acesso fácil à água do rio e do igarapé os moradores afirmam que tanto rio, quanto o igarapé, sofrem com a poluição causada devido ao tráfego de rabetas. Para melhorar a qualidade da água, existe 40 famílias que filtram a água para o consumo doméstico, sendo que as demais apenas com um pano.

Outra problemática a ser destacada é o desmatamento da mata ciliar do igarapé.

COMUNICAÇÃO

Em Cabeceira do Amorim não existe sistema de telefonia pública. Já foi formalizado pedido solicitando a implantação dos aparelhos telefônicos e não receberam nenhum posicionamento das autoridades competentes nesta área. Desta forma, não há nenhum telefone de uso coletivo na comunidade.

Os telefones celulares com tecnologia 3G têm acesso à internet, mas há sinal apenas em alguns pontos da comunidade. Existem em média uns 70 aparelhos telefônicos na comunidade.

Outra forma importante de comunicação local, que é usada com bastante frequência é a Rádio Comunitária com uma programação de músicas e de informes gerais da comunidade.



Calcula-se que 50% das casas possuem televisão e 100% possuem rádio, sendo este um importante canal de comunicação com a comunidade. As rádios mais ouvidas são a Rádio Rural (AM) e as FM existentes em Santarém.

Existe uma Rádio comunitária que é a JOVEM CAM afiliada à Rede Mocoronga de Comunicação Popular do Projeto Saúde e Alegria.

TRANSPORTE

O acesso à comunidade mais utilizado é por via fluvial, feito pelos comunitários principalmente através de barcos de linha que saem da comunidade para Santarém duas vezes por semana. O preço da passagem é de R\$ 25,00 por trecho, sendo que os volumes são pagos de forma individual.

Os dias que tem barco para Santarém são domingo e quarta-feira. Existe também a opção de se transportar em rabetas dos próprios comunitários, geralmente até a Vila de Alter do Chão, e a partir da vila seguir no ônibus urbano até Santarém.

ESTRADAS E PONTES

A estrada de terra existente na comunidade liga Cabeceira do Amorim a Parauá, tanto no verão, quanto no inverno e é considerada de péssima qualidade. Existe ainda a necessidade de construir uma ponte na comunidade de Mangal que possibilite esse acesso. E outra que ligue a Cabeceira do Amorim à Vila do Amorim.

Além das pontes é necessário também construir duas estradas, uma que faça a ligação com as comunidades de Vila Amorim, Uquena e Suruacá e outra que interligue Cabeceira do Amorim à comunidade de São Pedro no rio Arapiuns.

MEIO AMBIENTE

A comunidade de Cabeceira do Amorim possui dois lagos, denominados de Lago Preto e Lago Baixa D'água. Nenhum deles possui acordo de uso. O Lago Preto é o mais próximo da comunidade e tem grande utilização para a prática da pesca.

Na comunidade existem ainda vários igarapés, como: Igarapé São João, Maranhão, Igarapezinho e Igarapé do Amorim. As suas águas são consideradas boas para o consumo, no entanto, estes igarapés vêm sofrendo impactos ambientais, tais como: assoreamento de suas margens, desmatamento da mata ciliar e poluição por conta do tráfego de barcos e embarcações, principalmente, no Igarapé do Amorim. O Rio Tapajós também vem sofrendo fortes impactos que ocorrem, sobretudo, por meio da ação de desmatamento de sua mata ciliar e consequente da realização da pesca predatória por pessoas de fora da RESEX.

SONHOS E DESAFIOS

Os sonhos que os comunitários têm são de plantio, onde o feijão e milho são os cultivos preferidos. Mas além destes há uma vontade de aumentar o cultivo de mandioca, arroz, açaí, cupuaçu, banana, pimenta do reino, seringa, laranja, café, coco, pupunha, cará, cana, macaxeira e hortaliças visando o aumento da produtividade e a melhoria das condições de trabalho com a implementação de novas técnicas.

Os desafios consistem em recuperar as matas ciliares, fiscalização da pesca predatória por parte do órgão competente e melhoria das infraestruturas.



Comunidade de Enseada do Amorim

Localização

A Comunidade de Enseada do Amorim está situada entre as comunidades de Cabeceira do Amorim e Vila do Amorim na margem esquerda do rio Tapajós (nas coordenadas S 02°41,025' W 055°10,059').





Um pouco de nossa história

Foi na época da Guerra da Cabanagem que começou a formação de Enseada do Amorim, quando as famílias refugiavam-se para não morrer. Passado certo tempo que já moravam algumas pessoas da família Pereira, o nome Enseada passou a ser Enseada do Amorim devido ao rio Amorim que passa em frente de Vila do Amorim, Cabeceira do Amorim e Enseada do Amorim. Depois outras pessoas chegaram vindos do Lago Grande, Aramanaí e de outros lugares. Dentre essas pessoas veio o finado Ludovico e sua esposa Suzana, moradores que foram fundamentais para a construção da comunidade.

Antigamente as famílias tinham muitos filhos, era uma época de muita fartura, na qual os alimentos eram fáceis de serem adquiridos, tanto pelo mato quanto pelo rio. Os alimentos eram bons, pois criavam galinhas, porcos, fabricavam suas armadilhas, trabalhavam fazendo farinhas, beijus, vendiam breu, madeira, couro de caça, etc. Hoje mudou tanto, que até a alimentação é escassa. Mesmo com este retrocesso quanto à alimentação, a comunidade melhorou em outros aspectos, como no acesso ao atendimento à saúde, por exemplo.

A cultura dos antepassados ainda permanece, tais como: as festividades de São Sebastião e de Santo Antônio, no qual tem a apresentação de Pretinho e sua família, derrubada de mastro e festas juninas. Eram três dias de festa, hoje é só um dia de festa.

A primeira escola funcionava em um barracão de Santo Antônio e tinha de 1ª a 4ª séries. As professoras eram: Adelaide Matilde, Jandira entre outros, era de palha e paus roliços e quem mantinha os professores eram os pais dos alunos.

Hoje a escola funciona em um prédio comum como todos os que existem nas redondezas e a realidade mudou muito. D. Paulina e o Sr. Ilário relatam que as pessoas que sofriam acidentes ou uma picada de cobra ou qualquer outra enfermidade morriam logo ou ficavam sofrendo, por que não tinha atendimento por perto, só na cidade que levava três dias para chegar em Santarém, por que o transporte era de canoa à vela. Hoje não, os tratamentos são realizados pelo Projeto Saúde e Alegria ou mesmo pelo Abaré, que atende as famílias nas comunidades ribeirinhas.



A vida como ela é

POPULAÇÃO

A comunidade hoje possui 91 famílias e 95 casas. Destas 95 casas se diferem pelo tipo de material utilizado na construção (alvenaria, madeira e palha).

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Os comunitários de Enseada do Amorim estão organizados na Associação Verde da Floresta, desde o ano de 2003. Esta associação representa juridicamente a comunidade e tem como sócios os representantes das famílias, e como presidente Leudson de Almeida dos Santos. Há também a associação de moradores e um conselho comunitário, responsável pela gestão interna da comunidade, com 19 membros, atualmente coordenado por Edemir Farias. E a TAPAJOARA – Associação das Organizações da RESEX Tapajós - Arapiuns, associação com status de Federação, detentora do título de concessão de uso do território desta unidade de conservação. Das 91 famílias presentes na comunidade, 13 se auto declaram indígenas.

Com relação às entidades de organizações sociais, cerca de 40 comunitários de Enseada do Amorim estão associados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém – STTR, representados por sua delegada sindical, Ediane Santos Cerdeira. Essa delegacia existe desde 1976. Outra entidade representativa é a Colônia de Pescadores Z-20, porém não há capatazia nesta comunidade, os sócios participam da capatazia de Parauá.

Os jovens de Enseada do Amorim estão organizados desde 1998 em um Grupo de Jovens, coordenado por Ediane Santos Cerdeira. Existe outro grupo de jovens, em processo de formação, trata-se do JUC – Jovens Unidos em Cristo, com 18 jovens integrantes.

A comunidade de Enseada do Amorim possui 04 clubes de futebol: o Clube Real Madri, time masculino, presidido por Cristiano Duarte dos Santos, existente desde o ano de 2007; o Clube São Caetano, fundado no ano de 2000, time masculino que é presidido por Elzo Caetano Paranatinga; o São Sebastião com time masculino e time feminino, mas sem sócias fixas, presidido por Paula Paranatinga, existindo desde o ano de 2000; e o Águia Azul, time masculino.

RELIGIÃO

A organização religiosa da comunidade está na igreja católica, predominando a participação das famílias devotas de São Sebastião, coordenada por Simão Paranatinga. A festa de São Sebastião é comemorada no dia de 20 de janeiro. A presença de outra igreja é da família Ribeiro dos Santos, cujo padroeiro é Santo Antônio, a festa desse santo é realizada ou no dia 12 ou 13 de junho.

A Pastoral da Criança, que está presente na comunidade desde o ano de 2005, é atualmente coordenada por Elisania Sousa Rosa e tem o compromisso de realizar o acompanhamento do desenvolvimento das crianças especialmente através da realização do peso, atividade esta, que é realizada mensalmente.

ATIVIDADES PRODUTIVAS E EXTRATIVISMO

As principais atividades produtivas são a agricultura familiar e a pesca.

A cultura mais importante tradicionalmente cultivada na comunidade de Enseada do Amorim é a mandioca, utilizada na produção de farinha e outros derivados, como: tucupi, goma de tapioca, beijus, crueira, entre outros. A mandioca é cultivada tanto para comercialização como para alimentação das famílias. Outras espécies significativas cultivadas nos roçados anualmente são a macaxeira e banana. Outros produtos existentes são: pupunha, abacate, melancia, milho e jerimum.



Com relação às culturas permanentes existentes na comunidade, as principais são: a seringueira, a manga, o caju, muruci e o uxi.

Os espaços cultivados na comunidade seguem o padrão onde cada família tem uma área que desenvolve a agricultura. O gestor da RESEX Tapajós- Arapiuns, gerência local do ICMBio, autoriza anualmente a abertura de áreas para agricultura de até 2 ha (dois hectares) por família. Mas as famílias têm uma média de 0,5 ha.

A pesca é realizada pelos homens e mulheres que pescam no lago e no rio, sendo as espécies mais pescadas: tucunaré, jaraqui, acaratinga, mapurá, pescada, dourada.

Quanto à criação de animais, as famílias costumam ter galinhas caipiras nos quintais das casas, a criação de gado (com o total de bovinos em 17 cabeças, 05 são animais usados nas carroças); e criação de porcos. Há também o manejo de abelhas silvestres em caixas, sendo esta atividade desenvolvida por 02 famílias.

A caça para subsistência tem como principais espécies capturadas: o aracuã, jacu, juruti e pombo; cutia; paca; veado; cai-titu e espécies de tatu e jabuti.

A extração da madeira destina-se às construções comunitárias e familiares para a construção de canoas e bajaranas, assim como móveis domésticos. São três construtores desses utensílios na comunidade. As principais espécies são a itaúba, a cupiuba, o cedro, o angelim e a jarana. Apesar de existir a extração madeireira, não existe Plano de Manejo Florestal na comunidade de Enseada do Amorim.

O extrativismo não madeireiro tem como principais produtos os frutos, as palhas, as talas e os cipós, para diversas finalidades, como construção de casas e telhados e para a confecção de artesanato. Este último, baseado nas cestarias, como tipiti, paneiro e peneira, feitos com talas e cipós envolvem cerca de 10 pessoas na comunidade. Mas outras pessoas da comunidade apesar de saberem fazer, não praticam esta atividade atualmente.

A prática extrativista é bem diversificada, pois vai da pesca à caça, compondo a dieta alimentar dos moradores da RESEX, aos frutos e produtos não madeireiros que são aproveitados para diversas ações e funções. Os produtos coletados são: açai, a bacaba, castanha, tucumã, piquiá, uxi, a palha e diversas madeiras.

Comercialização dos produtos

Como em todas as comunidades da RESEX, o processo de comercialização dos produtos esbarra em inúmeras dificuldades como o armazenamento, beneficiamento, escoamento, preço justo, entre outros obstáculos enfrentados pelos produtores. Como nas demais comunidades, os produtos são vendidos de forma individualizada, não permitindo, portanto, uma maior negociação com os atravessadores que acabam por definir os preços do produto.

Muitos comunitários (38) afirmaram que preferem vender seus produtos aos atravessadores justificando a agilidade neste tipo de comercialização. Outras opções é o mercado local e externo.

Saúde

As condições na área de saúde nesta comunidade são precárias, existe apenas um agente Comunitário de Saúde (ACS), o senhor Leudson de Almeida dos Santos, que faz atendimentos preventivos diários nos domicílios das famílias da comunidade. Para piorar a situação, também não existe um posto de saúde, o posto mais próximo o de Parauá, fica distante 30 minutos de moto e 60 minutos a pé. Nesta unidade de saúde é possível contar com a distribuição de alguns tipos de medicamentos básicos. Os demais atendimentos médico, dentário e de vacinação, assim como o atendimento específico para os hipertensos, são realizados pela Unidade Fluvial de Saúde da Família, o barco Abaré.

Quando ocorrem as emergências para o atendimento de saúde, o agente comunitário pode solicitar o transporte de emergência fluvial, conhecido como “ambulancha”, sendo que este atendimento também é complicado, devido à acessibilidade e distancia da localidade.

Outras formas de cuidar da saúde dos comunitários ficam por conta das pessoas que possuem conhecimento tradicional para tratar de alguns males e doenças. Nesta comunidade existem três pessoas que são benzedores e puxadores e ajudam no cuidado com os enfermos.



EDUCAÇÃO

A escola Municipal de ensino fundamental Antônio Pedro Reis, tem 38 anos de fundação, estruturada com 03 salas de aula que atendem até o 8º ano. Mantida pelo poder público municipal, através da secretaria de educação, este educandário tem na direção a Sra. Celeste Pereira de Castro.

O corpo docente é formado por 132 alunos e discente por 08 educadores. Estes professores têm formação superior, sendo que 02 estão em fase de conclusão, 04 são moradores da própria comunidade de Enseada do Amorim e os outros 04 são da comunidade de Parauá. A formação continuada dos professores é realizada pela Secretaria de Educação de Santarém, pelos encontros de formação e pelo programa Escola Ativa, além das semanas e encontros pedagógicos que são realizados na escola. As atividades complementares destinadas a ampliar a formação dos alunos são realizadas pelo programa governamental, como a participação dos mesmos em programas como o “Mais Educação”, por exemplo.

Além dos alunos regularmente matriculados na escola local, existem cerca de 30 alunos estudando nas comunidades de Vila do Amorim e Parauá e também na cidade de Santarém.

A escola tem o abastecimento de água fornecido pelo microsistema da comunidade. A merenda escolar dura em torno de 15 a 20 dias e tem o cardápio regado a comidas regionais e sua qualidade é considerada como boa pelos estudantes e comunidade em geral.

Não existe transporte escolar público e a distribuição gratuita de material escolar se resume à distribuição de livros didáticos para alunos e professores. Nem os professores e nem os alunos tem computadores, assim como, não existe aparelho de televisão nas salas de aula. A escola encontra-se equipada com televisão, data show, fotocopiadora, caixa amplificadora, mimeógrafo, freezer, bebedouro e um notebook para a secretaria.

O principal problema da escola é a falta de infraestrutura, pois se necessita de um número suficiente de salas de aula para atender dignamente a todos, bem como a melhoria das salas que já existem, além da melhoria dos espaços destinados às atividades pedagógicas que precisam de muitos equipamentos.

Existe também a necessidade de energia elétrica, que também é uma das maiores prioridades desta instituição de ensino para que o calendário escolar ocorra sem tantos atropelos.

CULTURA E LAZER

As atividades religiosas têm como destaque as festas de São Sebastião (padroeiro da comunidade), e a de Santo Antônio, sendo um dos principais eventos do calendário cultural da comunidade. Outras festividades culturais são realizadas pela escola entre 10 e 12 de junho todos os anos. Outros eventos são organizados pela comunidade como atividades de entretenimento para os moradores, tais como torneios esportivos e festas dançantes promovidas pelos clubes de futebol, por exemplo.

O povo da Enseada do Amorim tem como áreas de lazer as praias no verão e os campos e a sede do time de futebol São Caetano. As sedes do Santo Antônio e sede da comunidade são utilizadas durante o ano todo para muitas atividades promovidas pelos próprios moradores.

Existe diversão para todas as idades, todos os sexos, todos os gostos e predileções. As crianças, por exemplo, brincam de peteca e papagaio ou jogam vôlei e futebol. Já as mulheres jogam vôlei e futebol, mas também gostam muito de dançar. Os jovens de todos os gêneros, assim como os homens jogam futebol e participam também destas das festas que são realizadas no dia a dia dessa vila.

INFRAESTRUTURA

- Igrejas Católicas
- Barracão Comunitário, em condições regulares
- Um telefone público – tipo orelhão
- Escola Municipal
- Campo de Futebol Comunitário, do Águia Azul e do São Caetano
- 01 Sede time de futebol
- Rádio Comunitária Camaleão
- Microssistema de água

ENERGIA

O fornecimento de energia elétrica é realizado por 29 geradores de energia particulares para 46 famílias. De maneira geral, as famílias ainda usam lamparinas, velas e lanternas.



TRATAMENTO SANITÁRIO

Na comunidade não existe sistema de coleta de lixo, os moradores queimam ou enterram o lixo que produzem.

Quanto ao tipo de sanitários existentes na comunidade, existem casas com banheiros internos (com água encanada) e os sanitários com pedra sanitária, predominantemente externa às casas. Há somente 03 banheiros classificados como fossa negra e um sanitário público na comunidade.

ÁGUA

A comunidade possui um microssistema, com duas caixas d'água para o abastecimento de água, que atende 65 famílias durante o ano todo. Algumas famílias contam com o fornecimento de água alternativo através dos poços (são 02 poços coletivos e 03 poços individuais). Além disso, 06 famílias utilizam água do igarapé.

Durante inverno e verão, a comunidade também pode utilizar o abastecimento de água do igarapé e do rio. Quando ocorrem problemas no fornecimento de água pelo microssistema, os moradores utilizam a água do igarapé, do rio e dos poços na comunidade. Em nenhuma época existe falta de água para consumo humano ou animal.

O tratamento da água consumida pelos moradores não é praticado em nenhuma residência dessa localidade. Porém, há um tipo de tratamento coletivo que o responsável pelo microssistema realiza através do despejo de 03 litros de água sanitária nas caixas d'água desse microssistema, mensalmente.

COMUNICAÇÃO

Existe um telefone público próximo à igreja, mas sem funcionamento. O sinal para celulares é limitado ao sinal 3G para o uso de internet particular. Não existe serviço de correio e nenhuma rádio comunitária.

Em média, 30% das famílias possuem televisão e 100% possuem rádio. As estações de rádio mais ouvidas na comunidade são a Rádio Rural (AM), Rádio 94 FM, Princesa (FM) e Guarany (FM).

TRANSPORTE

Os barcos que acessam a comunidade de Enseada do Amorim, com 06 horas de navegação são B/M Catarina, B/M 09 de Janeiro, B/M Madeireiro, B/M Maximiano e B/M Sanmar que fazem o percurso da comunidade até Santarém aos domingos e quartas-feiras e o percurso contrário nas terças-feiras e sextas-feiras. O valor do preço de cada passagem é de R\$ 25,00, sendo que os volumes extras são pagos separadamente.

Esses mesmos barcos utilizados para o transporte de pessoas são igualmente utilizados para o transporte para o escoamento da produção dos comunitários.

Além dos barcos de linha, algumas famílias utilizam as baidaras como transporte para se locomover entre as comunidades vizinhas e outras localidades e para chegar à Santarém. Algumas famílias têm canoas, geralmente utilizadas na pesca.

Na comunidade, o transporte da produção dos roçados e colônias para a vila da comunidade, pode ser realizada através de carroças de boi particulares, que cobram o valor de R\$20,00 por cada carroto; e pelas baidaras, com valor entorno de R\$30,00.

ESTRADAS

O acesso direto às comunidades de Pajurá, Parauá, Cabeceira do Amorim e Limãotuba é feito pelas estradas de terra que estão em estado precário. Essas estradas e outros caminhos, também permitem o acesso aos roçados e as colônias das famílias da comunidade. Existe uma outra ponte de madeira que liga o caminho até a comunidade de Parauá. A condição dessa ponte, segundo os moradores, é péssima, pois a estrutura está com madeira apodrecida e as dimensões inadequadas, situação que coloca em perigo a integridade física dos que por lá precisam passar.

MEIO AMBIENTE

Os comunitários de Enseada do Amorim têm conhecimento das regras do Plano de Utilização da RESEX Tapajós – Arapiuns, mas não possuem uma cópia do documento. As regras desse plano servem para a gestão do território da comunidade e possuem alguns acordos internos informais. Esses acordos internos são relacionados à pesca, caça e manutenção de estradas.

Outro tipo de acordo foi estabelecido entre Enseada do Amorim e as comunidades vizinhas Pajurá, Cabeceira do Amorim e Limãotuba para a extração de madeira. Na comunidade, existem três igarapés (o Igarapé Maranhão, Grande e o Lago do Amorim), estes igarapés sofrem com impacto ambiental consequente da pesca de mergulho que ocorrem nestes locais. Além disso, a comunidade ainda relata sobre outros impactos ambientais no rio Tapajós, tais como: a pesca predatória por pessoas de fora, limo e lixo.

SONHOS E DESAFIOS

Alguns comunitários têm o sonho de produzir mais os cultivos da roça, tais como: mandioca, feijão, açaí, milho, coco, arroz, pupunha, hortaliças, plantas medicinais, outras árvores frutíferas e florestais. Outro desejo em comum entre a maioria é a criação de animais, sendo a criação de galinhas a preferência, seguido da criação de porcos e de outros animais, como: peixes, gado e pato.

A melhoria da infraestrutura em geral é o grande desafio que a comunidade precisa vencer, melhorias como o acesso a energia elétrica, saneamento básico e água encanada para todos são mudanças esperadas por todos há anos.



Comunidade Limãotuba

Localização

Limãotuba está situada às margens do Lago Amorim, entre as comunidades de Brinco das Moças e Pajurá (nas coordenadas S 02º 48' 48,5" - W 055º 15' 51,0"). O acesso à comunidade de Limãotuba no período de cheia (inverno) é realizado por bajara até Pajurá, de onde os mesmos pegam barcos de linha que fazem o percurso até Santarém duas vezes por semana.

A vida como ela é

POPULAÇÃO

A população de Limãotuba é constituída de 25 famílias, sendo uma média de 116 pessoas. Destes, 65 são do sexo masculino e 51 do sexo feminino. Sendo que todas as famílias se consideram indígenas. Ao todo existem 25 casas na comunidade, de diferentes tipos, sendo que a maioria delas são as residências feitas com madeira.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Das 25 famílias que constituem a comunidade de Limãotuba, 40% são filiadas a TAPAJOARA, o equivalente a 10 famílias. A TAPAJOARA é considerada uma das principais organizações e mantém a liderança como representante legal da RESEX Tapajós/Arapiuns.

A comunidade é coordenada pelo Cacique Inácio da Silva Queiroz, que por sua vez, também é representante legal do STRR – Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém, através da Delegacia Sindical com a participação de 18 associados, funcionando desde 1992.

No esporte, há 01 time de futebol masculino, denominado de Perpetuo Socorro, coordenado no momento pelo Sr. Raimundo Lima Ferreira, que também faz parte do Conselho Fiscal da Escola. O time foi fundado em 1989 e possui em torno de 24 sócios.

RELIGIÃO

A igreja que tem maior atuação é a Católica, fundada em 1989, com 25 anos de atuação na comunidade. No momento a mesma é liderada pelo Sr. Inácio Silva Queiroz e tem como catequista a senhora Maria Betânia S. Vieira e o Sr. Enilson Santos.

ATIVIDADES PRODUTIVAS

A agricultura familiar é a principal base econômica da comunidade de Limãotuba e a mandioca o principal produto, que processada em farinha de mandioca é a base da alimentação e fonte de renda por meio de sua comercialização.

Outros cultivos importantes são o milho, a banana e o feijão. As principais culturas permanentes presentes na comunidade estão centradas em espécies cítricas como a laranja e a tangerina e ainda a manga.

O artesanato é realizado por duas famílias, apenas.

Na comunidade existe uma média de 40 canoas, que servem tanto para a prática pesqueira como para o deslocamento das famílias.

Os beneficiários do INCRA, tanto de limãotuba como de Brinco das Moças (onde vivem duas famílias, somam um total de 10 pessoas, que fizeram roçadas em 2013/2014 e utilizaram uma área de aproximadamente 6 hectares de terra para essa atividade. Os principais produtos produzidos foram além da farinha, a macaxeira, o cará, o jerimum, cupuaçu, banana, batata, laranja e tangerina.

A hand-drawn map of Limão Tubã, Rio de Janeiro. The map features the Paraíba do Sul river flowing through the center. Key landmarks include the 'Mantém de Limão Tubã' (Limão Tubã Maintenance) area, the 'Mantém de Limão Tubã' (Limão Tubã Maintenance) area, and the 'Mantém de Limão Tubã' (Limão Tubã Maintenance) area. The map also shows the 'Mantém de Limão Tubã' (Limão Tubã Maintenance) area, the 'Mantém de Limão Tubã' (Limão Tubã Maintenance) area, and the 'Mantém de Limão Tubã' (Limão Tubã Maintenance) area. The map is titled 'LIMÃO TUBÃ' in large yellow letters. A compass rose is located in the bottom right corner, and a scale bar is in the bottom left corner. The map is drawn on a grid of yellow lines representing roads and blue lines representing the river.

EXTRATIVISMO

A caça é uma prática importante para auxiliar na alimentação das famílias. Outro produto que é extraído da natureza apenas para o consumo local é a madeira, sendo a Cupiúba, Marupá, Cedro e Itaúba, as principais espécies. Os produtos não madeireiros como curuá e tucumã; os frutos como o açaí, a bacaba, o patauá, o piquiá e o uxí; e cipós também são extraídos, vale ressaltar que todos estes produtos são coletados sem um plano de manejo. Outros produtos que também são coletados da floresta são: castanha, bacaba, patauá, palha, piquiá, mel e andiroba.

Comercialização

A comercialização dos produtos da comunidade é feito por cada família, sem que haja nenhum padrão estabelecido.

As dificuldades enfrentadas pelos agricultores para realizar a venda de seus produtos e transportá-los, faz com que a presença do atravessador seja a principal solução para o funcionamento desta comercialização. Porém, as contrapartidas desta situação, como o produtor não poder definir preço e sim o atravessador, deixam os moradores insatisfeitos. No entanto, apesar dessas dificuldades, os agricultores ainda conseguem vender seus produtos no mercado local e nos mercados externos.

SAÚDE

Atualmente a comunidade dispõe somente de um Agente Comunitário de Saúde – ACS, que atende a comunidade uma vez ao mês. Não existe nenhum posto de saúde, técnico em enfermagem, remédios e muito menos serviço de transporte de emergência.

O atendimento médico é feito pelo Unidade de Saúde Fluvial – Barco Abaré, que na visita as comunidades de Cabeceira do Amorim (de 45 a 45 dias) atende a demanda de Limãotuba fazendo consultas médicas e vacinação. Para os serviços mais simples, os comunitários buscam atendimento no posto de saúde mais próximo que fica na comunidade de Parauá.

A população busca e valoriza também os conhecimentos tradicionais para o tratamento de algumas doenças. São 03 parteiras, 02 benzedores, 01 curador e 05 puxadores que realizam as curas e atendimentos de diferentes estados de doenças e males dos comunitários.

EDUCAÇÃO

Em Limãotuba existe a Escola Municipal Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que funciona do 1º ao 8º ano de forma multidisciplinar. As condições estruturais dessa instituição são consideradas ruins, os estudantes dividem a única sala de aula existente neste local. A escola é composta por 08 professores com a seguinte formação acadêmica: dois com ensino médio, dois com ensino superior incompleto e quatro com ensino superior completo, sendo que quatro desses professores residem na comunidade. A escola dispõe ainda de três funcionários de apoio, sendo 02 serventes e 01 auxiliar.

O funcionamento da escola é realizado em dois turnos: manhã e tarde. Atualmente tem 11 alunos na Educação Infantil, 30 cursando de 1º a 5º ano e 14 de 6º a 9º ano, sendo que algumas séries funcionam no sistema de ensino multisseriado. Não se conta com atividades complementares para os alunos, sendo que, por conta desta precariedade, 13 alunos cursam o ensino médio na comunidade de Parauá.

A escola é abastecida pela água do Igarapé, sendo que este líquido não recebe nenhum tratamento para melhorar sua qualidade. A merenda escolar é distribuída pelo poder público para durar 20 dias por mês, mas na realidade dura em torno de 15 dias, isto é, nos demais dias, a escola juntamente com os pais tentam de alguma maneira suprir esta carência. A mesma não tem cardápio regionalizado e a qualidade é avaliada como regular.

Não existe distribuição de material escolar e nem transporte escolar público. O principal equipamento existente na escola é um micro system. Não tem televisão, nem computadores. Mas o detalhe mais importante a ser destacado, apesar de tantas dificuldades, é que a evasão escolar não existe nesta realidade, aspecto surpreendente e também importantíssimo para ressaltar a importância da educação como instrumento de transformação social e humana.

CULTURA

A padroeira da comunidade de Limãotuba é Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que tem sua data de comemoração no dia 15 de Agosto e tem uma ampla festividade. Tradicionalmente essa é uma das atividades culturais religiosas bem marcantes na vida dos comunitários e uma dos momentos mais esperados pelos moradores.





LAZER

Especialmente os jovens têm como principal opção de lazer o futebol. As festas e danças são preferidas das mulheres, dos adultos e dos idosos. Além disso, as quermesses e festas juninas estão presentes na vida da comunidade.

INFRAESTRUTURA

- Barracão Comunitário;
- Igreja Católica
- Escola Municipal Nossa senhora do Perpétuo Socorro
- Áreas de Lazer – Campo de Futebol

ENERGIA

Não existe qualquer sistema de energia com distribuição coletiva. Sendo que apenas seis famílias são abastecidas com energia através de gerador de luz particular. As demais usam as tradicionais lamparinas e velas, a energia elétrica acessível a todos ainda não chegou por aqui.

TRATAMENTO SANITÁRIO

A ausência da coleta de lixo na comunidade faz com que grande parte das famílias queime ou enterrem o lixo que produzem.

Os sanitários, na sua grande maioria, são os de fossa negra, cavados no chão com pedra sanitária, utilizadas por 05 famílias, outras 20 famílias usam apenas um buraco cavado no chão sem a estrutura da pedra. Não existe nenhum de uso comunitário.

ÁGUA

Do total das 25 famílias existentes na comunidade, tanto no inverno quanto no verão a água é retirada do igarapé. As famílias utilizam filtros para melhorar a qualidade da água e outras utilizam panos para coar a água.

COMUNICAÇÃO

Não existe telefone público ou rádio amador. Os aparelhos com tecnologia 3G não conseguem acessar a internet, somente as pessoas que possuem antena usam aparelhos celulares. A telefonia móvel ainda é rara nesta comunidade existem apenas 10 telefones celulares na comunidade.

Os meios de comunicação mais usuais são a televisão e as Rádios (AM), sendo a Rádio Rural de Santarém mais ouvida e as (FM) existentes na cidade de Santarém.

TRANSPORTE

O acesso à comunidade de Limãotuba no período de cheia no período do inverno é realizado por bajara, até Pajurá, de onde os mesmos pegam os barcos que fazem linha para esta comunidade, as embarcações que realizam esta travessia são denominadas de Samar e Catarina, que fazem o percurso até Santarém duas vezes por semana. O preço da passagem é de R\$ 25,00. Na seca (verão), destinam-se até a comunidade de Parauá, onde pegam barco de linha até Santarém. Em outras palavras, para ir e vir à Santarém via barco, cada pessoa pagará o valor de R\$ 50,00 no total, fora os volumes que são cobrados à parte desta taxa.

A população de Limãotuba é constituída de 25 famílias, sendo uma média de 116 pessoas. Destes, 65 são do sexo masculino e 51 do sexo feminino. Sendo que todas as famílias se consideram indígenas.

Estradas

As estradas nesta localidade, mais se parecem com caminhos, elas juntam-se por terra com as comunidades vizinhas, como Pajurá e Brinco das Moças. Ressalta-se que esses caminhos são fundamentais para o acesso a outros lugares próximos, o problema é que tanto no período do inverno, quanto no verão, eles sempre estão em péssimas condições, e a melhoria dessa realidade torna-se urgente.

MEIO AMBIENTE

Para os comunitários, as regras estabelecidas no Plano de Utilização da RESEX são de conhecimento geral. A própria comunidade possui acordos no que tange a criação de animais, que estabelece, inclusive, que os animais não podem ser criados soltos e sim mantidos em cercados para que não haja invasão de suas criações nas propriedades vizinhas.

O principal igarapé que garante que as pessoas pesquem para seu próprio consumo é o do Amorim.

SONHOS E DESAFIOS

Alguns sonham em melhorar seus cultivos e produzir mais, variando os tipos de plantações, como também ampliar o cultivo de: banana, mandioca, macaxeira, pimenta do reino, açaí, feijão e hortaliças. Em relação às criações, o sonho dos moradores é em poder criar galinha, porco e abelha.

Na realidade em que vivem, os maiores desafios dos comunitários são melhorar as estradas que ligam a outras comunidades, assim como terem acesso a energia, a água e o saneamento básico.

Comunidade Pajurá

Localização

A Comunidade Pajurá fica localizada no Rio Amorim, afluente do Rio Tapajós, Região do Tapajós, entre as comunidades de Cabaceira do Amorim e Limãotuba (nas coordenadas S 02º48'18.7" W 055º13'51.9"). A principal forma para se chegar à comunidade é por via fluvial.

Um pouco de nossa história

A comunidade de Pajurá foi fundada em 2001 pelo Sr. Francisco Carvalho Lopes e recebeu o referido nome devido a grande quantidade de árvore de pajurá, que é uma espécie nativa da região amazônica.





Aldeia Payura

A vida como ela é

POPULAÇÃO

A população da Comunidade de Pajurá totaliza 241 pessoas, distribuídas em 28 famílias. Destes, 79 são homens, 68 mulheres. Sendo que as crianças de 0-11 anos totalizam 69 pessoas e 25 são jovens entre 12-18 anos. Das famílias existentes 26 se consideram indígenas e 02 não indígenas, sendo todas filiadas à Tapajoara.

Existem na Comunidade 24 casas que abrigam as 28 famílias, dessas 04 famílias não possuem casa própria e moram agregadas. As casas são construídas, em grande parte, com o apoio do INCRA através do crédito habitação. A maioria delas são de alvenaria, as demais são de madeira e poucas de palha.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A comunidade Pajurá se autodenomina Aldeia Indígena, tendo a frente o senhor Francisco Carvalho Lopes como o Cacique e a mesma se sente representada pelas seguintes instituições:

- TAPAJOARA – (Associação da RESEX Tapajós/Arapiuns);
- STTRS – Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém;
- CITA – Conselho Indígena Tapajós Arapiuns;
- GCI – Grupo Consciência Indígena.
- Pastoral da Criança;
- Igreja Católica e Igreja da Paz

O Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém (STTR) tem sua representação na comunidade através da Delegacia Sindical, criada no dia 16 de fevereiro de 2004. Ela tem o trabalho de levantar as reivindicações para melhoria da qualidade de vida dos agricultores. Possui 25 associados e atualmente a Delegada Sindical é a Sra. Aldenora Santos.

A Pastoral da Criança é outra forma de organização presente na comunidade. Funciona há 10 anos e tem como coordenadora a Senhora Valdeniza Passos Silva.

Quanto às atividades esportivas, a comunidade tem 02 times de futebol.

RELIGIÃO

As igrejas também se constituem enquanto espaço religioso e de organização. Existem duas igrejas na comunidade. Uma é a Igreja da Paz que conta com a participação de 05 famílias e tem seis anos de existência, fundada em 2008. Atualmente tem a frente o Sr. Luiz Dilson. Por sua vez, a Igreja Católica existe, segundo os comunitários, desde 2003, com a participação de 23 famílias e tem como catequista a Sra. Irineide Pereira dos Santos.

ATIVIDADES PRODUTIVAS E EXTRATIVISMO

A base principal das atividades econômicas encontra-se centrada na agricultura e na pesca. Sendo que o principal produto agrícola para comercialização é a mandioca que transformada em farinha é o principal produto para a alimentação e comercialização dos comunitários. Nesta realidade, outros produtos se destacam, como: o milho, o feijão, a melancia, maxixe e o mamão. Já os principais cultivos permanentes produzidos em Pajurá são: cupuaçu, laranja, manga e jaca.

A pesca é realizada pela maioria das famílias, sendo um dos produtos extrativistas de maior relevância. Tradicionalmente, o peixe nas suas diversas espécies, tem papel importante para a alimentação dos comunitários, constituindo-se como uma das principais fontes alimentícias. A tarefa de pescaria é facilitada pela presença de 12 baidaras e 20 canoas que também servem como transporte aos comunitários.

A caça também possui a mesma característica da pesca, no que se refere à base alimentar dos comunitários, que afirmam caçar apenas para consumo próprio. Em Pajurá as aves silvestres e outras espécies animais como: veado, paca, catitu, cutia e macacos são os principais animais capturados para alimento da população.

A criação de pequenos animais como porcos e galinhas cai-pira servem para compor a alimentação das famílias.

Outra prática extrativista na comunidade Pajurá é a extração de produtos não madeireiros como açaí, bacaba, uxi, piquiá, tucumã, castanha, pataúá, mel, curauá. Além desses, as talas, palhas, sementes e cipós são também extraídos para a produção artesanal de cestos, tipitis, abanos e chapéus. O artesanato faz parte da vida de muitas famílias. Sendo que 09 famílias produzem artesanatos extraindo da floresta talas, palhas, cipó e sementes.

Para consumo familiar a prática de caçar é também comum na comunidade, sendo que os animais de preferência dos comunitários são veado, paca, catitu, cutia e macaco.

Vinte e quatro famílias possuem roçado ou outro tipo de produção. A área total de produção recente dos entrevistados soma cerca de 23, 25 hectares de área produtiva. Os principais cultivos são, além dos já citados: macaxeira, muruci, jerimum, banana, laranja, abacaxi, cupuaçu, açaí, pupunha, coco, cará, batata, abacate, arroz, seringa, urucum, maracujá, ingá,

Comercialização dos produtos

A comercialização da produção em Pajurá como na maioria das comunidades da RESEX enfrenta dificuldades no que se refere ao preço e armazenamento dos produtos. Durante o período da safra, a abundância de produção faz com que ocorra a queda no preço do produto, principalmente da farinha. Por não haver na comunidade local adequado para armazenamento, em especial os produtos que necessitam energia elétrica, os produtores acabam por comercializar pelo preço ofertado. A maioria vende para os atravessadores e outros para o mercado local e apenas dois para o mercado externo.

SAÚDE

Não existe nesta comunidade nenhum posto de Saúde onde a população possa buscar atendimento, quando se necessita desses serviços, o povo utiliza o Posto de Saúde mais próximo que fica na comunidade de Parauá, que possui enfermeiros (as) e uma ambulância.

A saúde preventiva é realizada por um ACS – Agente Comunitário de Saúde que trabalha três vezes por semana. A vacinação, atendimento médico e dentário é realizado pela unidade Fluvial de Saúde da Família – Barco Abaré, que atende a comunidade vizinha, com uma frequência entre trinta a quarenta e cinco dias. Outras doenças e males ficam por conta dos conhecimentos tradicionais de alguns moradores, os enfermos contam com a ajuda de 02 benzedores, 02 curadores e 06 pu-xadores. Existem ainda três parteiras que ajudam as parturientes da comunidade.

EDUCAÇÃO

A comunidade possui uma escola Municipal de Ensino Fundamental denominada de Izidório Amaral. Esse prédio foi construído pela prefeitura e possui apenas uma sala de aula, sendo que outros espaços utilizados como sala de aulas improvisadas são: a maloca, um barracão e uma na secretaria da escola. O quadro técnico é composto por 14 professores do ensino fundamental e dois funcionários de apoio. Sendo que 03 destes professores possuem o ensino superior completo, 09 têm ensino superior incompleto e 02 com ensino médio completo.

A capacitação para os professores é realizada através do PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e pela EDUCIMAT (Formação, Tecnologia e Prestação de Serviços em Educação em Ciências e Matemática), PARFOR e Escola Ativa. Para os professores que trabalham com os alunos do quinto ano é necessário saber o nheengatu. Neste caso, há formação do nheengatu para professores, além do programa “Notório saber” desenvolvido para valorizar os saberes nativos.

O quadro discente da escola totaliza 72 alunos devidamente matriculados e distribuídos nas seguintes turmas: 14 são da educação infantil, 37 do primeiro ao quinto ano e 21 do sexto ao sétimo ano, 07 alunos estudam fora da comunidade; 03 em Parauá, 02 em Amorim e 02 fazem EAD em Santa-rém.

A Escola funciona em dois turnos: matutino e vespertino. A água que abastece a mesma vem do rio e não recebe nenhum tratamento. A merenda escolar não possui cardápio regionalizado. Ainda são servidos produtos enlatados, mas mesmo assim, a qualidade é considerada pelos comunitários como boa. O maior problema é que esta merenda tem uma duração de menos de 15 dias, isto é, no restante do mês a comunidade tem que improvisar o lanche dos estudantes.

Na Escola não possui distribuição de livros didáticos para os alunos e professores, é equipada apenas com 01 mimeógrafo, 01 fogão e 01 mesa. Não há transporte escolar público, mas um detalhe importante nesta realidade é que não há evasão escolar apesar de tamanhas dificuldades.

CULTURA

Muitas são as atividades culturais dessa localidade, as principais delas são a festa religiosa para homenagear São Miguel, realizado no dia 20 de setembro de cada ano e uma conferência da Igreja da Paz. Outras festividades culturais ficam por conta das Festas Juninas, danças folclóricas e datas comemorativas. Além da festa do clube esportivo que é realizada no dia 30 de agosto.

ESPORTE E LAZER

Na comunidade existe o time masculino denominado Esporte Clube Guaraná fundado em 1999, com 18 sócios, coordenado pelos senhores Manoel Reinaldo Campos dos Santos e Raimundo do Carmo Passos dos Santos. O time feminino denominado Tapajonas, atua desde 2002, com 14 sócias e tem como coordenadoras as senhoras Lenita Passos dos Santos e Rosilene Rodrigues dos Santos.

Em Pajurá há um campo de futebol onde crianças, jovens e adultos se divertem praticando este esporte, além dos jogos de dama e dominó. A dança, que também é uma atividade esportiva, é outro tipo de lazer comum para homens e mulheres.

INFRAESTRUTURA

- * Barracão Comunitário;
- * Escola
- * Igreja Evangélica
- * Maloca comunitária

ENERGIA

A comunidade Pajurá não possui gerador de luz coletivo, mas existem oito geradores de luz individual.

TRATAMENTO SANITÁRIO

Em Pajurá como nas demais da área da RESEX não possui coleta de lixo, sendo então todo o lixo queimado ou enterrado pelos próprios moradores.

Os sanitários são construídos em fossas negras com pedra sanitária ou simplesmente cavadas no chão. Apenas 14 casas construídas com recursos do INCRA existem fossas sépticas, mas não são utilizadas porque não tem sistema de abastecimento de água na comunidade.

ÁGUA

O abastecimento de água tanto no inverno, quanto no verão é somente do rio. No inverno com apenas cinco minutos de caminhada se consegue chegar do centro da comunidade até a água. No verão chega até 15 minutos de caminhada. Os comunitários de Pajurá não usam nenhum tipo de tratamento para purificar a água de seu consumo.

COMUNICAÇÃO

Não existe telefone público, entretanto, existem 12 aparelhos celulares individuais com sinal da operadora vivo.

Em várias casas existe aparelho de televisão e rádio. As rádios mais ouvidas são a Rádio Rural (AM) e as rádios FM: 94, Guarany, Princesa da cidade de Santarém e a rádio FM Serabel da cidade de Belterra. O serviço de entrega de cartas e encomendas ainda existe e se dá através dos barcos.

TRANSPORTE

O acesso à comunidade Pajurá se dá por via fluvial, principalmente, através de Barcos de Linha, que saem de Santarém para comunidade duas vezes na semana. O preço da passagem por cada trecho é de R\$ 25,00, sendo que os volumes são pagos separadamente. E os mesmos barcos carregam tanto passageiros como suas respectivas produções. Os barcos de linhas que servem a comunidade são:

- B/M 9 de Janeiro
- B/M Catarina
- B/M Sanmar

Embora a maioria utilize os meios aquáticos como transporte, quem desejar chegar até esta comunidade, ainda pode ter o acesso por via terrestre através das estradas que levam até Pajurá.

ESTRADAS E PONTES

A estrada de terra que interliga às demais comunidades é considerada como péssima no inverno e regular no verão. Existe uma grande necessidade de que outras estradas sejam construídas ou que a reestruturação das já existentes sejam efetuadas. Da mesma forma é necessária a construção de uma ponte sobre o Igarapé do Guaraná para facilitar a acessibilidade a esta comunidade.

MEIO AMBIENTE

A grande maioria dos moradores de Pajurá sabe e tem conhecimento da existência do Acordo de Gestão da Resex. No entanto, ainda existem moradores que admitem não o conhecerem. Mas, a comunidade possui acordos específicos quanto à pesca, caça e queimadas. Os mesmos não são legalizados e o cumprimento destes é cumprido praticamente em sua totalidade.

Considera-se positivo os impactos causados pelos acordos. A comunidade também realiza trabalhos comunitários em forma de puxiruns como: limpeza de estradas, entre outros.

Na comunidade há três lagos, o principal é o Lago do Jacaré. Existem igarapés na comunidade e a qualidade da água é considerada ruim, pois está poluída devido aos impactos ambientais.

SONHOS E DESAFIOS

Os comunitários destacaram o plantio e a criação de animais como as de maior interesse de investimentos e melhoria nas condições de vida. Muitas vezes essas esperanças encontram obstáculos na escassez de uma assistência técnica que garanta suporte para que esses produtores consigam uma melhor qualidade de subsistência.

Os cultivos que os moradores sonham em melhorar ou investir são: mandioca, arroz, açaí, milho, feijão, banana, cana, cupuaçu, laranja, coco, bacaba e pimenta do reino. Entre as criações, destacam-se as de galinha e em seguida o porco, gado, peixe e pato.

Os maiores desafios destacados pelos moradores dessa vila são as melhorias nas estradas, terem água distribuída a todos, energia elétrica, saneamento e transportes públicos.

Comunidade Cabeceira do Uquena

Localização

A comunidade de Cabeceira do Uquena fica localizada no rio Tapajós, entre as comunidades de Mapirizinho e Vila do Amorim (nas coordenadas S 02º 46' 00,9" e W 055º 10' 30,4"). O acesso à comunidade de Cabeceira do Uquena se dá por via fluvial, principalmente por um barco de linha da comunidade de Suruacá “Estrela do Tapajós”.





Um pouco de nossa história

Segundo alguns comunitários e parentes dos que vivem em Uquena, os primeiros moradores foram a Sra. Floripis e o Sr. Eurico Pedroso, que chegaram nessa região por volta dos anos de 1925.

Dizem que o nome Uquena é originário da palavra Ukeni, que seria o nome de um povo indígena que viveu nesta localidade. Muitas pessoas que habitam a comunidade encontravam diversos “cacos de barro”, vasos pequenos e caretinhas de índios. Além disso, continuam tendo suas crenças, dando destaque a fatos relacionados à ancestralidade, como quando contam que embaixo da grande árvore de itaubarana existe na comunidade há quem zeze por aquele espaço, pois ninguém o limpa, mas sempre por algum motivo aquele local se encontra limpo.





A vida como ela é

POPULAÇÃO

Na Comunidade, a população existente é de aproximadamente 210 pessoas, distribuídas em 30 famílias, sendo 76 homens; 71 mulheres; 21 são crianças de 0-11 anos e 42 são jovens de 12-18 anos.

Das 37 casas existentes somente 30 famílias estão residindo na comunidade. Essas casas são na sua grande maioria de alvenaria, totalizando 32 residências, 02 são de palha, 02 de madeira e 01 mista.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A Cabeceira do Uquena tem como principal forma de organização comunitária a ASCUT - Associação Social Comunitária Uquena Tapajós, atualmente com 23 associados, tendo como presidente o Sr. Josué dos Reis Munhoz Barroso, fundada em 2005. Sendo que do total de famílias existentes, 24 são filiadas a TAPAJOARA.

A Comunidade possui também uma Delegacia do Sindicato, com 17 membros, tendo a Sra. Cleidizane dos Santos Castro como delegada, fundada desde 1989.

Na organização religiosa, Cabeceira do Uquena possui uma Igreja da Paz coordenada pelo Sr. Josué dos Reis Munhoz Barroso e uma Igreja Católica coordenada por Manoel Augusto Farias Pedroso.

No esporte, os clubes de futebol estão representados pelo Clube Fluminense, sendo o masculino liderado pelo Sr. Jodson Castro Pedroso com 15 membros e o feminino pela Sra. Luiziane Paz Lopes, com 15 membros.

Há um barracão comunitário, que também funciona como sede do time de futebol. Segundo os moradores, o barracão teve sua estrutura abalada pela última enchente e por ser muito importante para a comunidade ele necessita, portanto, de reparo urgente.





ATIVIDADES PRODUTIVAS

A agricultura é a principal atividade agrícola, com destaque para a mandioca na produção de farinha e seus derivados, além de outros produtos como o milho, feijão e cupuaçu. De acordo com os comunitários as principais culturas permanentes existentes são o muruci, açaí, cupuaçu, manga e caju.

A prática da pesca destaca-se como a segunda atividade mais importante na alimentação dos comunitários. Assim como a pesca, a caça também tem sua relevância na alimentação das famílias, sendo a paca, o tatu, a cutia e o veado, os animais mais capturados.

Na criação de animais 06 famílias possuem um boi de carroça; 04 famílias criam porcos totalizando 41 suínos. A criação de abelha é realizada por uma família, a mesma realiza esta produção com apenas oito caixas.

Existem ainda na comunidade 04 bajaranas e 19 canoas, ressaltando-se que não há barco de pesca e nem de compra de pescados.

Dos 26 moradores em relação de Beneficiários, 22 afirmaram que implantaram roçados no período 2013/14, totalizando em média 23 hectares. Os cultivos nesta área, além dos citados acima, são: pupunha, jerimum, cará, banana, maxixe e laranja.

EXTRATIVISMO

A prática extrativista é importante para complementar a alimentação das famílias, produtos como a bacaba, o açaí, piquiá, castanha e mel são os mais cultivados. A pesca, em seguida da caça e de outros frutos compõem a alimentação das famílias.

A extração de madeira tem grande importância e é retirada apenas para o consumo interno da comunidade, para a construção de estruturas locais e casas, por exemplo. As principais espécies extraídas na comunidade são: itaúba, bacuri, cupiuba e cedro.

Os produtos não madeireiros mais extraídos são a palha e o cipó. Destaca-se que somente duas famílias fazem artesanatos confeccionando tipiti, peneiras, abanos e paneiros.

Comercialização

A comercialização dos produtos não possui uma organização comunitária ou familiar, a mesma é realizada de acordo com as necessidades financeiras. A ausência de uma organização das vendas, além de dificuldades no armazenamento e transporte dos produtos, leva os agricultores a comercializarem seus produtos por um preço nem sempre justo, já que a grande maioria tem como principal fonte de venda, os atravessadores, e o serviço desses mediadores acaba desvalorizando a produção.





Por conta das dificuldades, poucas pessoas vendem para o mercado local e para o mercado fora da comunidade.

SAÚDE

Não há Posto de Saúde e o mais próximo fica a uma distância de 8 km, na comunidade de Parauá. Cabeceira do Uquena possui um ACS - Agente Comunitário de Saúde, que atende diariamente na Comunidade. A vacinação, assim como os atendimentos médicos e dentários, é realizada pela Unidade Fluvial de Saúde da Família - Barco Abaré que passa nas comunidades maiores em cerca de 45 a 45 dias.

Além deste atendimento, a comunidade também possui a experiência e os saberes tradicionais de dois benzedores/puxadores e uma parteira.

EDUCAÇÃO

A comunidade possui a Escola Municipal de Ensino Fundamental Santíssima Trindade, que atende do Pré-escolar ao 5º ano, funcionando nos turnos da manhã e tarde. A estrutura da escola conta com uma sala de aula em péssimas condições. A escola atende 52 alunos, sendo 22 alunos na Educação Infantil e 30 alunos de 1º a 5º ano.

Devido oferecer apenas o ensino até o 5º ano, cerca de 40 alunos necessitam estudar fora da Comunidade de Uquena, na Escola José de Melo Filho na comunidade de Vila do Amorim.



Trabalham na escola 01 funcionário de apoio e 04 professores, sendo três com ensino superior incompleto e um com superior completo. Para terem acesso a formação continuada, os professores realizam planos de capacitação na comunidade de Vila do Amorim (escola Pólo).

A água que abastece a escola vem do igarapé, retirada manualmente e filtrada.

A merenda escolar tem uma duração média de 15 dias e de acordo com os relatos, não é regionalizada e com uma qualidade considerada regular, sendo na maioria das vezes enlatados e as frutas e legumes chegam em grande parte estragados.

As atividades complementares destinadas aos professores são o PNAIC - Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa; EDUCIMAT – Formação, Tecnologia e Serviços em Educação em Ciência e Matemática e Escola Ativa. A escola não está beneficiada pelo Programa Mais Educação.

CULTURA

Além das crenças herdadas da sabedoria popular e costumes de seus descendentes indígenas, a comunidade possui outras manifestações culturais, que se expressam principalmente por meio da religiosidade.

As festividades do Padroeiro São José é um momento cultural importante na comunidade e é realizado todo 19 de março. Outra festa religiosa que já faz parte do calendário de eventos da comunidade é a homenagem a São Lázaro, que acontece sempre no dia 11 de fevereiro, esta festa é organizada por uma família, mas aberta a toda a comunidade.





LAZER

Na comunidade existem duas áreas de lazer coletivas que são o campo de futebol e as praias. Os jovens, crianças e adultos são os que utilizam dessas práticas de lazer. Os idosos usufruem de passeios, conversas com vizinhos e amigos, além das caminhadas para distração.

INFRAESTRUTURA

- Barracão Comunitário;
- Escola Municipal de Ensino Fundamental Santíssima Trindade;
- Igreja Católica e Igreja Evangélica;
- Campo de Futebol;

ENERGIA

Não existe gerador de luz coletivo, sendo a principal alternativa para a obtenção de energia a forma individual, que funciona através de 08 geradores particulares. Existem na comunidade 05 famílias que possuem o sistema de bateria comum.

TRATAMENTO SANITÁRIO

Os moradores queimam o lixo e resíduos que produzem, pois não existe a coleta seletiva na comunidade. A fossa negra com pedra sanitária é a mais usada nos sanitários. Destaca-se também, que não existem sanitários públicos na comunidade.



ÁGUA

A comunidade de Cabeceira do Uquena não possui microsistema de abastecimento de água. A água que abastece a comunidade e a escola vem do igarapé, tanto no inverno, quanto no verão e é retirada de forma manual e não recebe nem um tratamento antes de seu consumo.

COMUNICAÇÃO

Não existe sistema de telefonia pública, não tendo, portanto, nenhum telefone de uso coletivo na comunidade. Os telefones celulares particulares existem, mas com sinal bem ruim, sendo que este sinal só existe alguns pontos da comunidade.

TRANSPORTE

O acesso à Comunidade é por via fluvial. Os comunitários viajam, principalmente, através de barcos de linha que saem da comunidade para Santarém duas vezes na semana. O preço da passagem é de R\$ 25,00 por trecho, sendo que os volumes são pagos de forma individual.

Não existe um meio de transporte específico para escoar a produção, ou seja passageiros e produção compartilham o mesmo barco. Os Barcos que fazem linha para essa comunidade são: Estrela do Tapajós, Sanmar, 9 de Janeiro e Catarina.



ESTRADAS E PONTES

Existem estradas que ligam Cabeceira do Uquena às comunidades de Vila do Amorim e Suruacá, sendo consideradas de boa condição no verão e de péssima qualidade no inverno, necessitando, portanto, de melhorias.

A ponte existente na comunidade é considerada de condições regulares tanto no inverno, quanto no verão. Mas, os comunitários afirmam que uma ponte de concreto seria bem melhor e mais segura.

MEIO AMBIENTE

Os comunitários de Cabeceira do Uquena, assim como os demais moradores da Resex, sabem e tem conhecimento do Plano de Utilização da Resex.

A comunidade possui o8 lagos próximos ou em seu entorno, sendo que nenhum possui acordo de uso. O Lago do Uquena é o mais próximo da comunidade para a prática da pesca para consumo. Este lago tem água consideradas de boa qualidade, mas este líquido, sofre com alguns impactos causados pelas enxurradas que trazem lixo de várias direções e também o limo que prejudica o consumo.

SONHOS E DESAFIOS

Em grande parte os moradores almejam produzir mais e ter maior orçamento doméstico, sem, contudo, pensar em mudanças radicais, fora do padrão. Prova disso, é que a grande maioria pretende, em seu sonho produtivo, criar galinhas, porco, gado, abelhas, pato, plantar açaí e outras espécies frutíferas e florestais, como: mandioca, feijão, coco, pupunha, macaxeira, pimenta do reino, maracujá, cana e cupuaçu.



Um comunitário, para melhorar suas condições de vida e de produção, deseja apenas adquirir uma máquina para preparar a polpa de frutas e assim agregar valor ao produto e ter um maior orçamento familiar.

Melhorar as condições em que vive a população desta comunidade significa alcançar melhoria na infraestrutura, avanços nas formas de locomoção entre as comunidades, acesso ao sistema de água, energia elétrica e desenvolvimento dos meios de comunicação aos quais já tem acesso ou adquirir novos meios para tal





Glossário

Fóssil: a palavra fóssil vem da palavra em latim “fossilis” que significa “desenterrado” ou “extraído da terra”; são restos de seres vivos ou marcas de algum tipo de vida que ficaram preservados em diferentes materiais. Estes materiais podem ser principalmente em rochas, mas também pode estar em solos e outros. Os exemplos mais encontrados de fósseis são: ossos, caules fossilizados, conchas, ovos e pegadas.

Febre paludismo: é a malária, doença muito conhecida por suas febres altas, transmitida pela fêmea de um carapanã.

Capatazia: atividade de movimentação de cargas e produtos no porto e o transporte (entrega, carregamento e arrumação), verificação e recebimento destes.



FICHA TÉCNICA



EQUIPE

Tibério Alloggio / Magnólio de Oliveira /
Carlos Dombroski / Fábio Pena / Natanael
de Sousa

CONSULTORA

Giuliana Henriques

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE

Fernanda Sarmento
Designer Assistente
Débora Alberti

DIAGRAMAÇÃO

Edinelson Nunes

FOTOS

Arquivos PSA, Giuliana Henriques, Maria
do Socorro Mota

IMPRESSÃO

Gráfica Global

TIRAGEM 500 Exemplares

